



# **BOLETIM INFORMATIVO**

Província do Rio de Janeiro

**Ano LVII | Nº 1**  
janeiro a abril



COMPANHIA DAS  
**FILHAS DA CARIDADE**  
DE SÃO VICENTE DE PAULO  
PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

# Boletim Informativo das Filhas da Caridade de São Vicente De Paulo

PROVÍNCIA DO  
RIO DE JANEIRO  
Janeiro a Abril | 2022

|   |           |
|---|-----------|
| PALAVRA DA VISITADORA .....   | 02        |
| PALAVRA DO PADRE DIRETOR .....  | 06        |
| <b>FORMAÇÃO PERMANENTE</b>  |           |
| - Bem-Aventuradas as Filhas da Caridade que renovam os<br>votos com ardor missionário ..... | 10        |
| <b>A IGREJA</b>   |           |
| - Mensagem Urbi et Orbi do Papa Francisco .....   | 28        |
| - A Igreja em favor da paz e não violência .....  | 32        |
| <b>COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS</b>  |           |
| - Conversa entre Amigas .....   | 34        |
| <b>NOTÍCIAS</b>   |           |
| - Carisma Vicentino em Ação .....   | 38        |
| - SOS Petrópolis .....  | 44        |
| - Envio em Missão .....   | 53        |
| - Encontro de Irmãs Serventes .....   | 54        |
| - Chegada a Chapadão do Sul .....   | 57        |
| - #SAVV.RIO.50ANOS .....  | 62        |
| - Encontro de Irmãs Jovens .....  | 65        |
| <b>NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI .....</b>  | <b>67</b> |
| <b>SOLIDARIZANDO-NOS COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR .....</b>                                   | <b>68</b> |

## **PALAVRA DA VISITADORA**

*Ir. Selma Aparecida dos Santos, fc*

### **30 ANOS DO MARTÍRIO**

da Bem-Aventurada Lindalva Justo de Oliveira  
Filha da Caridade

### **EXALANDO ALEGRIA E SANTIDADE**

1993 - 2023



Ir. Lindalva Justo de Oliveira, a primeira Filha da Caridade brasileira a ser elevada às honras dos altares. O martírio aconteceu no dia 9 de abril de 1993. Uma mártir dos nossos dias, a ter como exemplo, em particular para os jovens, pelo seu testemunho de simplicidade, de pureza, de alegria de viver, de doação a Cristo.

Em 9 de abril de 2023 estaremos celebrando 30 anos do martírio da Bem-aventurada Lindalva e a Província do Recife nos convida a nos prepararmos para este momento tão significativo para a Companhia no Brasil, mas também para toda Família Vicentina.

Partilho com vocês alguns trechos do artigo escrito pelo Pe. Vinícius Augusto Teixeira, cm, por ocasião desta Celebração. É uma reflexão que nos ajuda a aprofundarmos o sentido da entrega de nossas vidas ao Senhor, pela fidelidade à vocação que recebemos.

### **UM LEGADO QUE ENCANTA E ENCORAJA**

Das muitas inspirações que poderíamos colher do itinerário de fé e amor que é a vida frutuosa da Bem-Aventurada Lindalva, bem como do eloquente testemunho que a coroa e ilumina, três elementos merecem particular relevo: a busca cotidiana da santidade, a centralidade de Jesus Cristo e o primado da caridade no serviço aos Pobres.

## 1. A busca cotidiana da santidade

Para todos, mas, sobretudo, para quem a conheceu, Ir. Lindalva pode ser contada entre aqueles *"santos da porta ao lado"*, de que fala o Papa Francisco em sua Exortação sobre a santidade no mundo atual, *Gaudete et exsultate*, recordando-nos o testemunho *"daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus"* (GE 7), pelo que foram e pelo que fizeram, pelos ideais que cintilavam em seus horizontes e mobilizavam suas buscas, pela fé que os robustecia e pelos esforços que empreendiam, pelo amor que plasmava seus corações e repercutia em seus gestos e palavras. E tudo isso na mais completa liberdade interior, em um cotidiano de entrega silenciosa e serviço abnegado, de sorrisos compartilhados e de lágrimas escondidas, sem alarde, sem afã de protagonismo, sem autoprojeção. Daí o convite que nos dirige o Santo Padre:

*"Deixemo-nos estimular pelos sinais de santidade que o Senhor nos apresenta através dos membros mais humildes do povo de Deus, que 'participam também da função profética de Cristo, difundindo seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade' "* (GE 8).

Tal foi o itinerário percorrido por Ir. Lindalva. "Tudo por causa de um grande amor", como dizia São Columbano (séc.VII), um amor que tem rosto e tem nome: Jesus Cristo, presente nos menores de seus irmãos.

## 2. A centralidade de Cristo

Irmã Lindalva soube viver em contínua referência à pessoa de Jesus Cristo, contemplado na oração de cada dia, celebrado e adorado na Eucaristia, servido nos pobres concretos que tinha sob seus cuidados. Cristo era, de fato, o amor de sua vida, o modelo de sua conduta, a razão de sua alegria, o refrigerio em seu cansaço, o impulso de sua entrega, o amigo de todas as horas, o companheiro de sua travessia, sua única esperança. Ela o disse de muitas formas, especialmente através de suas cartas, escritas com as tintas de seu coração repleto de gratidão pelo dom da vocação cristã e vicentina:

*"Ninguém neste mundo vive sem amor, sem um amigo, sem alguém que o faça sonhar, meditar, perder alguns minutos, ganhando o prazer de um refúgio, de um sorriso aberto, de uma palavra doce, de um abraço agradável,*

*de um beijo afetuoso. Por isso, nossa vida é um eterno tornar-se amigo. É a busca constante desse alimento que nos faz crescer no amor de Cristo, que nos ama (...). Vale a pena se esforçar na busca dessa realização, consagrando a própria vida, tornando-se Filha da Caridade. Custe o que custar, a felicidade do encontro com Deus será triunfante” (11/7/1989).*

Era o seu seguimento de Cristo em seu dia a dia que permitiu à Irmã Lindalva reconhecer-se como continuadora da missão do Filho de Deus junto aos Pobres e associar-se tão intimamente ao seu mistério pascal, tornando-se também ela, pelo sacrifício da própria vida, como o grão de trigo que cai na terra e morre para germinar e produzir frutos abundantes para o bem e a salvação dos irmãos (cf. Jo 12, 24-26).

### **3. O primado da caridade no serviço dos Pobres**

O percurso caritativo e martirial de Irmã Lindalva – balizado pela *“grande regra do comportamento cristão”*: a caridade ou as obras inspiradas pela misericórdia, tal como aparecem em Mt 25, 31-46 (GE 25) – deteve-se em outras vias – não menos exigentes e arriscadas – as vias da presença discreta e consoladora junto a seus idosos, da escuta paciente e respeitosa, da palavra terna e firme, da doação compassiva e operosa, do serviço gratuito e eficaz. Também Lindalva muito se valeu de seu *“gênio feminino”*, como assinala o Papa Francisco, *“para refletir a santidade de Deus neste mundo”* (GE 12). E o fez em total sintonia com o Carisma que abraçou, em resposta ao chamado do Senhor, nas pegadas de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac. Assim, nossa mártir personifica o que escreveu o Pontífice:

*“Ser santo não significa revirar os olhos em um suposto êxtase (...). Neste apelo a reconhecê-lo nos pobres atribulados, revela-se o próprio coração de Cristo, seus sentimentos e suas opções mais profundas, com o quais se procura configurar todo santo”* (GE 96).

Nestes três aspectos, acha-se, pois, o âmago do caminho de santidade trilhado pela Bem-Aventurada Lindalva Justo de Oliveira, bem como o núcleo de seu legado para a Igreja e para o mundo: buscar a santidade nas condições normais da vida, seguindo a Jesus Cristo pelas sendas da caridade.

Participemos deste momento celebrativo, em comunhão com a Companhia, representada pela Província do Recife. Unamo-nos em oração, peçamos a intercessão da Ir. Lindalva junto a Deus para alcançarmos as graças de que necessitamos, pessoalmente e enquanto Companhia.

Que o seu testemunho de Filha da Caridade nos torne conscientes de que somos todas chamadas a ser santas e que a santidade é um caminho de liberdade para cada uma.

## **ORAÇÃO PARA PEDIR A CANONIZAÇÃO DA BEM-AVENTURADA LINDALVA**

Ó Deus,  
que infundistes no coração de Lindalva  
a chama da caridade e da fidelidade  
à vocação junto aos mais abandonados,  
concedei-nos a graça que vos pedimos (...)  
para que em breve seja reconhecida oficialmente entre os santos do céu.  
Sua vida ganhou, numa sexta-feira santa, a coroa do martírio.  
Sua morte é a do justo e do inocente como a de Cristo.  
Na hora do holocausto, doloroso, mas fecundo,  
ela se apresenta a servir tal qual o Mestre que disse:  
“Não vim para ser servido, mas para servir.”  
Concedei-nos, Senhor, por intercessão da Bem-aventurada Lindalva,  
novas e santas vocações para o serviço de Cristo nos pobres.  
Isto vos pedimos, pelo mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém.

**BEATA LINDALVA JUSTO DE OLIVEIRA, ROGAI POR NÓS!**

*Ir. Selma Aparecida dos Santos, fc*

## PALAVRA DO PADRE DIRETOR

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, Diretor Provincial

### SINODALIDADE, CAMINHO PARA UMA IGREJA DE IRMÃOS E IRMÃS

A palavra “sinodalidade” vem do grego *Synodos*, composta pelo prefixo *syn* – “com”, “junto” – e pelo substantivo *hodós*, “estrada”, “caminho”. Desde as primeiras comunidades cristãs descritas por S. Lucas nos Atos dos Apóstolos, ser cristão é entrar no “Caminho”, compartilhar juntos o Caminho, seguir pela estrada juntos, ser “adepto do caminho” (cf. At 9, 2; 11, 26c), pois ser cristão é *seguir Jesus*.



O Caminho começa primeiro junto com Jesus: aqui nasce, principia, todo caminho sinodal – caminhamos juntos com Jesus Cristo Vivo, pelas estradas do mundo. O cristão é, antes de tudo, um discípulo gerado na relação com Jesus Cristo, o Ressuscitado. Os discípulos e as discípulas, “estavam (junto) com Ele” (Lc 8, 1 – *syn autô*). Portanto, o primordial está na escuta do Senhor, da sua Palavra, do que o Espírito diz às Comunidades, à Igreja e aos fiéis. Do contrário, podemos até caminhar com os outros, multiplicar reuniões e atividades de todos os tipos, nos encontrarmos, celebrarmos e confraternizarmos, mas não saberemos que estrada seguir, e afinal de contas, tudo fica do mesmo jeito, pois só Ele é o Caminho. Desse modo, começamos o caminho junto com Jesus, e ligado a isso, junto com os irmãos e irmãs, os fiéis discípulos e discípulas de Jesus, como Igreja caminhando junto com a humanidade, compartilhando as dificuldades da história, seus anseios, tristezas, alegrias e sonhos.

A sinodalidade é o caminho para uma Igreja de irmãos e irmãs, em que é necessário esvaziar-se, rebaixar-se para se pôr a serviço da humanidade. Sinodalidade aponta para um caminhar juntos que se inicia pela escuta e pela aprendizagem, uma atitude contrária à centralização excessiva “que complica a vida da Igreja”<sup>1</sup>.

Sinodalidade é sinônimo de ânimo e esperança para muitos; para

<sup>1</sup> Papa FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 32.



outros, desperta receios, temores e suspeita. É palavra de ânimo e esperança porque se retoma aí o espírito de renovação eclesial gerado no Concílio Vaticano II que nasce de uma Igreja “Povo de Deus”, superando uma concepção eclesiológica que, por séculos, dividiu os cristãos em duas classes distintas: a dos “clérigos” ou “eleitos”; e a dos “leigos” ou “povo”. O Concílio Vaticano II *iniciou* a saída da Igreja desta concepção eclesiológica, retomando vigorosamente o tema bíblico do “Povo de Deus”. Todavia, é preciso insistir que o Concílio apenas *deu início* a esta saída da Igreja desse modelo eclesiológico secular, e por isso, uma transformação profunda e eficaz exigia um processo a ser realizado ao longo do tempo na recepção do Concílio. Nesta linha, no Documento de Aparecida, os bispos chegaram a reconhecer que “nos faltou coragem, persistência e docilidade à graça para continuar a renovação iniciada pelo Vaticano II”<sup>2</sup>. Para outros, sinodalidade desperta receios e temores, porque suspeita-se que o atual processo sinodal desemboque num processo de “democratização” e, conseqüentemente, de secularização eclesial, pondo em perigo o magistério doutrinal da Igreja, especialmente em matéria de moral e outros temas espinhosos.

Para os mais antigos, o tema da sinodalidade está na continuidade de um itinerário sinuoso de recepção do Concílio Vaticano II, entre avanços e recuos, aberturas e resistências<sup>3</sup>. Já para as novas gerações, esse tema parece ser novo.

O Conclave que elegeu o Papa Francisco entendeu que a Igreja precisava urgentemente ser reformada. Por sua vez, o Papa Francisco compreendeu que a reforma da Igreja passa por sua transformação através da sinodalidade. Esse tema não é algo totalmente novo, pois enraíza-se no cristianismo desde os primórdios, como podemos facilmente descobrir lendo textos de referência sobre o assunto.

O objetivo de recuperar a dimensão da sinodalidade é para ir se fazendo uma “conversão pastoral da Igreja”, isto é, da Missão. Essa conversão, já proposta claramente no Documento de Santo Domingo, “diz respeito a tudo e a todos na consciência e na práxis pessoal e comunitária, nas relações de igualdade e de autoridade; com estruturas e dinanismos que

<sup>2</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA, n. 100h.

<sup>3</sup> Cf. Papa JOÃO XXIII, Discurso solene Gaudet Mater Ecclesiae na abertura do Concílio, IV, n.2-4. Disponível em: <<[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html)>>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

tornem a Igreja presente com cada vez mais clareza, enquanto sinal eficaz, sacramento de salvação universal”<sup>4</sup>.

Por agora, o certo é que somos todos e todas sinodais e somos dinamizados pelo Espírito Santo na perspectiva da participação, da comunhão e da missão. Todavia, há obstáculos concretos à sinodalidade, e o maior deles é o clericalismo que é anti-sinodal e está presente no catolicismo entre bispos, padres, seminaristas, religiosos(as) e leigos(as). O clericalismo só aparece com maior clareza aos nossos olhos a partir das luzes lançadas pelo Concílio Vaticano II que gera uma nova perspectiva e daí se distinguem diversos projetos de Igreja; e entre esses projetos aparece a tendência clericalista que defende um tipo de projeto eclesial. Neste sentido, há, portanto, um perfil clericalista que é de caráter autoritário, ligado a um aparelho institucional – no nosso caso a Igreja – e nele encontra sua identidade, assumindo e reproduzindo os traços, as normas, os costumes e rotinas imutáveis e seguras da instituição, com o intuito de preservá-la praticamente tal e qual ao longo do tempo. Para o perfil clericalista não há reforma e participação, pois estas são tidas como ameaças à conservação e sobrevivência da instituição. Além disso, o perfil clericalista se vê como superior aos demais sujeitos eclesiais e portador de um poder concentrado e centralizado com exclusividade na distribuição dos serviços eclesiais. Tudo isso se opõe em geral à disposição para viver a liberdade do Evangelho.

Outro elemento importante a ser sublinhado referente à sinodalidade é que ela não pode ser entendida como mera estratégia eclesiástica para conter a tendência clericalista dos últimos séculos, o que pode levar à superficialidade, a frustrações e aumentar as polarizações entre grupos. Na verdade, a sinodalidade é um retorno às autênticas fontes e origens da Igreja missionária: “A sinodalidade designa, antes de tudo, o estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja, exprimindo a sua natureza como o caminhar juntos e o reunir-se em assembleia do Povo de Deus convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo para anunciar o Evangelho”<sup>5</sup>.

É igualmente importante ter consciência de que a sinodalidade não diz respeito apenas a assuntos internos da Igreja, da Vida Consagrada, etc., mas também à relação entre a Igreja e o mundo, pois há um laço profundo

<sup>4</sup> SANTO DOMINGO, IV Conferência do Episcopado Latino-americano (12/10/1992), Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã, n. 30.

<sup>5</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, n. 70a.

entre sinodalidade e fraternidade, uma vez que o Povo de Deus, em seu caminhar na história, deseja compartilhar a luz do Evangelho com toda a família humana. Por isso, o tema da sinodalidade toca alguns desafios prementes do presente, como: a recuperação da igualdade fundamental da dignidade de homens e mulheres; a contenção dos excessos de uma economia orientada pelo lucro; o tornar a democracia mais inclusiva; a promoção de uma liderança que some forças na consecução de causas globais; a salvaguarda do planeta Terra, nossa Casa Comum; a gestão dos fluxos migratórios e dos refugiados; a busca da paz e da unidade entre as nações<sup>6</sup>.

Prezadas leitoras e prezados leitores, nosso objetivo é o de nos ajudar a tomar consciência sobre a importância do tema da sinodalidade para toda a Igreja, para a Vida Consagrada, e para o mundo tão necessitado de potencializar forças rumo à construção de fraternidade e de paz. Em particular, recordemos sempre que o tema da sinodalidade está em perfeita sintonia com o *Ephata*.

Rezemos, procuremos nos formar, compartilhar e participar efetivamente, segundo o nosso possível, do processo sinodal, incluindo uma fase diocesana (outubro de 2021 – março de 2022), uma fase continental (setembro de 2022 – março de 2023) e uma fase universal (outubro de 2023). Rezemos, em particular, pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil –, pelos seus 70 anos de serviço e missão junto à Igreja, sobretudo no Brasil.

Louvemos a Deus Pai, fonte de toda vocação, pela caminhada do Serviço de Animação Vocacional Vicentino da Província do Rio de Janeiro, que neste ano, na festa solene de Santa Luísa de Marillac, celebra seu Jubileu de Ouro, e conclui assim o Ano Vocacional vivido com grande empenho na Província. Que esta caminhada seja na verdade não tanto uma conclusão, mas uma nova abertura rumo à construção de uma cultura vocacional vicentina no coração de cada uma e de cada um, nas obras, comunidades, pastorais, nas redes sociais, nas missões, onde se está presente e atua.

Que Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa e Santa Luísa de Marillac nos acompanhem, nos ajudem nesta caminhada sinodal e nos orientem rumo ao Cristo, Senhor da Caridade e Bom Pastor.

<sup>6</sup> Veja esses temas em Card. Michael CZERNY, "Uma Igreja que 'caminha junto'. Sinodalidade na era do Papa Francisco", p. 75 (pp. 67-88), *In*: PERSPECTIVA TEOLÓGICA, v. 54, n. 1, Jan./Abr. 2022.

## FORMAÇÃO PERMANENTE

### "BEM-AVENTURADAS AS FILHAS DA CARIDADE QUE RENOVA OS VOTOS COM ARDOR MISSIONÁRIO"<sup>1</sup>

*Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, cm*

São Vicente quando se dirigia às Filhas da Caridade propunha-lhes esta questão fundamental: "Por que quis Deus esta Companhia? Por que as Senhoras, Irmãs, vieram a ela?"

E a resposta era e continua sendo esta: "É Deus quem quis esta Companhia para servir os pobres". Nesta resposta as Irmãs encontravam força e alegria para servir os pobres na missão em que o Senhor as enviava. Toda a segurança delas estava depositada em Deus.

A renovação dos votos se faz no Tempo da Quaresma: este nos convida a nos unirmos mais profundamente ao Mistério Pascal de Cristo. Jesus experimentou a fragilidade humana; foi tentado no seu mais íntimo; conduzido pelo Espírito Santo ao deserto, ouviu a voz do "adversário", procurando desviá-lo de sua missão, sugerindo-lhe utilizar meios humanos para realizar sua missão de Filho de Deus, Salvador: o poder e o prestígio. Mas o poder do Espírito que o conduziu ao deserto, permitiu a Jesus vencer a tentação e escolher o caminho missionário indicado por Deus Pai, o caminho da Cruz gloriosa, um serviço de Caridade para a salvação de toda a humanidade.

É tempo para aprofundar a consciência de que nosso chamado para viver os votos vem da resposta ao apelo de Cristo que nos convida a segui-Lo, a renovar nosso ardor missionário, renovando nosso "sim" quando assumimos os Conselhos Evangélicos (cf. C. 28b) para segui-Lo mais de perto e nos conformarmos a Ele. Não são mandamentos ou ordens, e sim conselhos evangélicos; portanto, a resposta só pode ser livre e na alegria – a resposta não pode ser um fardo. Os votos são meios próprios para levar a cabo a decisão de seguir Jesus Servidor da humanidade, Servidor dos mais pobres, por toda a vida.

<sup>1</sup> Esta Conferência de Votos foi realizada no dia 21 de março de 2022, 10h-10h45, on-line. Agradecemos ao SAVV Provincial por nos emprestar o tema para esta Conferência neste ano do seu Jubileu de Ouro na Província do Rio.

A renovação anual significa uma confirmação da consagração, um novo impulso, um novo ardor missionário, um novo “Sim” pronunciado na liberdade à vocação à qual Deus as chamou por toda a vida.

Segundo Irmã Françoise Petit, “a renovação dos votos nos permite rereer os acontecimentos e nossa caminhada interior, continuar com coragem no caminho de serviço e reacender a nossa alegria de nos doar para além dos obstáculos e, por vezes, das dúvidas. O Senhor segura a nossa mão pelo caminho e só Ele torna possível a nossa fidelidade” (Irmã Françoise Petit, *Carta de 2 de fev. 2022*, p. 1). Percorramos e refletamos juntos sobre cada um dos quatro votos.

## **O VOTO DE SERVIÇO DE CRISTO NOS POBRES, NOSSOS IRMÃOS E IRMÃS**

“Não tenhais olhos nem coração senão para os pobres”<sup>2</sup>.

O quarto voto nos indica a direção correta a seguir e nos permite verificar a autenticidade de nosso seguimento de Jesus Cristo, porque o fim da Companhia é o objeto deste voto: é o voto diretamente ligado à identidade da Companhia e com o fim que ela tem na Igreja.

Os outros três votos devem ser internalizados à luz do quarto voto que nos aponta a direção correta a seguir e direciona a prática dos votos de castidade, pobreza e obediência. A prática dos conselhos evangélicos recebe do voto de serviço de Cristo nos pobres seu caráter e direcionamento específico. O voto de servir Cristo nos pobres, corporal e espiritualmente, faz com que seja possível um seguimento estável de Jesus casto, pobre e obediente. Para melhor cumprir o fim da Companhia, as Filhas da Caridade assumem os outros três votos.

Retomemos as Constituições 7a: com o quarto voto, a Filha da Caridade, fiel ao batismo, doa-se inteiramente, em comunidade e a Cristo. O dom total de si a Cristo e em comunidade conduz ao serviço dos pobres. É na doação generosa de si que o serviço atinge seu significado e seu fim. A natureza do serviço dos pobres também é expressa claramente: “com espírito evangélico de humildade, simplicidade e caridade”.

Doar-se inteiramente é amar a Deus com tudo o que somos: coração, alma, força, inteligência (cf. Lc 10, 27; Dt 6, 5). Esse abandono total de si feito

<sup>2</sup> S. JOÃO PAULO II às Filhas da Caridade, 1979-1980.

livremente deve ser realizado de maneira consciente, com conhecimento de causa e para a humanidade, especificamente os mais pobres, e com a intenção de que seja para toda a vida.

Para S. Vicente e S. Luísa o amor total a Deus não pode permanecer apenas no interior da alma: deve ser posto em prática na construção de um mundo melhor, mais justo e fraterno, traduzindo-se na doação total de si no serviço aos mais pobres. Assim, surge na Igreja uma nova forma de Vida Consagrada, na qual o dom total a Deus deve se tornar serviço à humanidade, fundamentalmente aos mais pobres.

O serviço da Filha da Caridade é "visão de fé, [que] coloca em prática o amor do qual Cristo é a fonte e o modelo" (C. 16b). Isto está em consonância com o ensinamento de São Vicente de Paulo que convidava as Irmãs a contemplar Jesus Cristo e a assumir os sentimentos de Jesus Cristo no encontro com os fracos, abandonados e necessitados, continuando sua Missão em união com Ele:

"Como Jesus Cristo servia os pobres? Servia-os corporal e espiritualmente, ia de um lado para outro, curava os doentes, dava-lhes conforme o dinheiro que tinha, e instruía-os sobre a sua salvação. Que felicidade, minhas Filhas, que Deus vos tenha escolhido para continuardes o trabalho de Jesus Cristo na terra!"<sup>3</sup>.

Continua o santo: "Foi Deus quem vos entregou o cuidado dos Seus pobres, e deveis proceder nisso, no Seu espírito, compadecendo-vos das suas misérias, e sentindo-as em vós mesmas tanto quanto possível"<sup>4</sup>.

Desse modo, há um ato de entrega da parte de Deus às Filhas da Caridade: Ele lhes entrega Seus pobres, Seus prediletos, para receberem cuidado. E no cuidado dos pobres é o Espírito de Deus que orienta a Filha da Caridade na maneira de proceder, destacando nesta passagem a compaixão ativa e a comunhão profunda de sentimentos e a proximidade.

Para seguir Jesus Cristo servidor dos pobres e aproximar-se progressivamente dele, as Filhas da Caridade buscam o contato constante com a Palavra de Deus como meio indispensável para "aprofundar o conhecimento da pessoa de Cristo e da sua atitude em relação aos humildes e oprimidos" (cf. C. 22a).

---

<sup>3</sup> SV, IX, 59.

<sup>4</sup>SV, X, 127.

O contato constante com a Palavra de Deus e a proximidade de vida e de coração com os pobres é a base no serviço de Filhas da Caridade. Hoje, muitas pessoas, esperam de nós o olhar, o sorriso, a palavra, um gesto que as fará reviver e retomar sua dignidade.

O serviço das Filhas da Caridade está ligado também a uma corrente de solidariedade, de múltiplas pessoas, cristãs ou não, que participam ativamente de organizações em favor da paz e da justiça, da defesa dos direitos humanos, da ecologia e que contribuem para construir um mundo melhor e mais saudável para todos. Por isso, devemos estar atentos a esta realidade para, de alguma maneira, somar forças e nos unirmos para atenuar as misérias e sofrimentos que atingem os mais pobres e o planeta. Há um ponto das Constituições, 25c, que aponta para isso: em toda realidade em que estamos há sinais de vida e esperança contendo “as sementes do Verbo presentes em todas as culturas”.

A vivência coerente do voto de serviço de Cristo nos pobres expressa-se nas prioridades missionárias, no estilo de vida e na qualidade dos gestos cotidianos e das relações.

Que a Virgem Maria, modelo de servidora de Cristo nos pobres e modelo de seguimento de Cristo casto, pobre e obediente ao Pai, nos disponha sempre a sair para servir e a viver em estado permanente de caridade.

## **O VOTO DE CASTIDADE**

O papa Francisco afirma o seguinte sobre a castidade na Vida Consagrada: “A castidade é um carisma precioso, que amplia a liberdade do dom a Deus e aos outros, com a ternura, a misericórdia, a proximidade de Cristo. A castidade pelo Reino dos céus mostra como a afetividade tem seu lugar na liberdade madura e se converte em um sinal do mundo futuro, para fazer resplandecer a primazia de Deus. Porém, por favor, uma castidade ‘fecunda’, uma castidade que gere filhos na Igreja”<sup>5</sup>.

Fazer resplandecer a primazia de Deus na própria vida não é só aprender uma conduta e um comportamento, e sim, junto com isso, a configuração de fundo de nossa forma de nos relacionar com o humano e com a realidade.

A castidade, neste sentido, liga-se ao desejo de tecer novas relações

<sup>5</sup>Papa Francesco, Discorso all’Assemblea Internazionale delle Superiori Maggiori nel 2014.

na história, ao desejo de promover a cultura da vida nas suas relações cotidianas. Sobretudo neste cenário de sociedade que tende a desprezar, e que muitas vezes despreza de fato, o ser humano; no qual as mulheres sofrem, entre tantas violências, a violência dos homens, e os homens sofrem outros tipos de violência.

A castidade não se reduz unicamente à questão sexual: esta é a ponta visível do iceberg. A castidade está ligada às relações cotidianas com as coisas, com as pessoas e conosco mesmos. A castidade passa pelo aprendizado e vivência de relações novas com todos e com tudo: como tratamos as coisas? Como tratamos a natureza? Como tratamos os problemas da vida?

Na vivência da castidade, somos impelidos a superar as relações cotidianas falsas com as coisas, com as pessoas e conosco mesmos (por exemplo, a violência, tendência a ser egocêntrico). A proposta de Deus é a de nos tornar íntimos com a vida, não ter relações superficiais, saber entrar na profundidade da vida.

As pessoas consagradas são chamadas a viver na relação com o Mistério, pois o fundamento teológico do voto de castidade está no exemplo de Cristo e em um amor a Deus sobre todas as coisas e sobre todos e todas. O voto de castidade na sua vivência concreta pode se traduzir em novas relações de não violência, de ecumenismo, de interculturalidade, de respeito à dignidade da pessoa humana.

Esse caminho implica descobrir que o Senhor não preenche o vazio da solidão, não satisfaz a necessidade de afeto, mas que o Senhor caminha conosco e nos dá força para lidar com estas necessidades e vazios inevitáveis na vida de todos, inclusive na vida matrimonial.

A verificação testemunhal da própria vocação no celibato para o Reino não está na ausência da necessidade de afeto ou na ausência do desejo de ter uma família (mulher, homem, filhos), ou na anulação do desejo sexual, mas na crescente consciência de que é possível viver contentes e em paz nas múltiplas relações cotidianas, servir os pobres, alargar o coração às dimensões do coração de Cristo, mesmo carregando estas carências humanas. Na vivência do voto permanece uma tensão entre uma tendência para o crescimento e uma tendência para a frustração e a diminuição. Nem sempre é tranquilo equilibrar essa tensão e buscar mais a via do



crescimento. Por isso, somos chamados a estar conscientes e atentos a essa tensão permanente enquanto caminhamos no seguimento de Cristo. É o Cristo quem abre o coração ao universal e à predileção pelos mais abandonados.

No voto de castidade nos oferecemos inteiramente a Deus para receber um coração dilatado às dimensões do coração de Cristo, isto é, capaz de acolher a todos, sobretudo os mais sofridos e oprimidos. Por isso, este alerta permanece atual: “a tentação das pessoas celibatárias pode ser a de um amor somente universal, um sentimento vagamente cordial pela humanidade. Contudo, viver o Mistério do amor significa também amar pessoas concretas, algumas com amizade, outras com profunda afeição, sabendo integrar estes amores na nossa identidade de Consagrados e Consagradas. Devemos aprender a amar com o que somos, dotados de sexualidade e paixões, às vezes desordenadas. Do contrário, não teremos praticamente nada a dizer sobre Deus que é Amor. Devemos aprender também a estar sozinhos, do contrário nos apegaremos aos outros, não porque estamos bem com eles, mas como solução para nosso problema de solidão”<sup>6</sup>.

Finalmente, temos de recordar sempre esta verdade: o voto de castidade é um dom de Cristo e de sua graça. “Num mundo que busca um sentido para o existir humano, num contexto em que é frequente a exploração da pessoa”, na situação em que o mundo exige dos mais pobres sacrifícios e crucifixões, “toca-nos o dever de viver os votos como verdadeira proposta de plenificação para a vida concreta” das pessoas de hoje<sup>7</sup>.

## O VOTO DE POBREZA

“Esteja sempre em meu coração o desejo da santa pobreza, para que livre de tudo, eu possa seguir Jesus Cristo e servir meu próximo com toda a humildade e mansidão, vivendo em obediência e castidade, toda minha vida, honrando a pobreza de Jesus Cristo por Ele vivida com tanta perfeição.”<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Cf. Timothy Radcliffe, *Amare nella libertà*, ed. Qiqajon, Bose 2015, pp. 18.37.

<sup>7</sup> José Lisboa M. de Oliveira, *Viver os votos em tempos de pós-modernidade*, p.54, São Paulo, Loyola, 20043 (2001).

<sup>8</sup> Santa Luísa de Marillac, E.7, p. 786.

Na história da humanidade e na Bíblia, riqueza e pobreza estão quase sempre em confronto. A riqueza é uma bênção e Deus a concede aos seus amigos; quem teme a Deus é abençoado com riquezas. O pobre não é, na perspectiva bíblica, automaticamente um pecador punido, e sim um inocente por causa de um rico egoísta: quando o profeta Natã reprova Davi, ele não o faz pelo ato sexual, também não o faz pela falta de fé da parte de Davi - o que Natã denuncia em Davi, em nome do Senhor, é uma injustiça apresentada como abuso de poder e furto feito a um pobre do qual Deus toma a defesa.

Percebemos que na linha bíblica a pobreza refere-se à justiça, a pobreza relaciona-se com a fé que se torna justiça. Notadamente, o Deuteronômio propõe como condição de felicidade do ser humano a fé em Deus, todavia esta fé faz do fiel uma pessoa que age segundo o agir justo de Deus: este inclui a defesa do pobre, a defesa do órfão, da viúva, a hospitalidade ao estrangeiro, etc.. Desse modo, podemos concluir que não cuidar do pobre equivale a dar as costas à Aliança com Deus. E cuidar do pobre é ser bendito de Deus enquanto Povo da Aliança que caminha com Deus e vive da sua justiça.

A Bíblia também propõe a vida sóbria e simples como caminho de sabedoria, de equilíbrio e de permanência na amizade com Deus. É o que nos indica Provérbios 30, 8b-9: Senhor, "não me dês nem pobreza nem riqueza, concede-me o pão que me é necessário, para que, saciado, eu não te renegue, e não diga: 'Quem é o Senhor?'. Ou que, pobre, eu não roube, e não profane o nome do meu Deus".

E no texto de Sabedoria 7, 7-14, vislumbramos a antecipação da bem-aventurança referente aos pobres: *felizes os pobres*. Aí, a única riqueza é a amizade com Deus. Por isso, nos remete também a Jesus propondo para vender tudo e estar com Ele, como único amigo, única riqueza e tesouro. E só vende tudo quem deseja ser amigo de Deus; esse é o desejo que anima o coração do homem novo, animado do desejo de entesourar para o céu e não para a terra (cf. Mt 7, 19-20). Não temos dois corações, nem dois tesouros, nem dois desejos: anima o ser humano um só coração, um só tesouro e um só desejo.

São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac nos indicam essa direção também, quando afirmam: "... bem-aventuradas as Filhas da Caridade que escolheram um modo de vida que tem por fim principal a imitação da vida

do Filho de Deus, o qual, podendo possuir todos os tesouros do mundo, desprezou-os e viveu tão pobremente que não tinha uma pedra para repousar a cabeça”<sup>9</sup>.

“Sei muito bem que não quereis entesourar. Amais muito a santa pobreza e a confiança em Deus: os dois pilares da Companhia das Filhas da Caridade”<sup>10</sup>.

Jesus inaugura o Reino de Deus como um pobre, vivendo sem posses; Ele, de rico, sendo de condição divina, fez-se livremente pobre; em Jesus, todo o movimento da *kénose* é um contínuo despojamento da glória de Filho para assumir a condição humana, escolhendo uma contínua pobreza até a pobreza extrema, a morte sobre uma cruz. Esse movimento quenótico de esvaziamento até a pobreza extrema revela e nos oferece a riqueza da comunhão com Deus Pai na unidade do Espírito Santo. No seguimento de Cristo pobre aprende-se a viver na dependência e a entregar livremente a sua vida nas mãos de Deus.

Os Fundadores deram grande importância à fraternidade e à comunhão com o Projeto de Deus. A força perversa da riqueza pode se manifestar no ser humano como indiferença para com o Projeto de Deus Pai, indiferença para com o Reino de Deus, na preocupação em cuidar das nossas coisas ao invés das de Deus. O acúmulo de bens pode fechar o coração humano à fé de que o Reino de Deus está no meio de nós e deve ser anunciado aos pobres, à fé de que o Reino foi inaugurado por Jesus e pode ser antecipado já neste mundo de maneira profética na pessoa consagrada que assume a pobreza como antecipação do Reino vindouro.

A parábola do Pai misericordioso nos mostra o Pai rico em misericórdia porque tem dois filhos. O filho mais novo deseja o que o Pai *tem* e não o que o Pai *é*. Por isso, requisita ao Pai a parte da herança que lhe cabe; parte para uma terra longínqua, longe do Pai e de sua Casa; dilapida os bens, fica reduzido à miséria numa terra estrangeira, chegando à humilhação extrema de ser tratado como animal. Na feliz recordação do Pai, descobre sua autêntica riqueza: a de ter um Pai. Já o filho mais velho vive como servo, na avareza, vive sem fraternidade e como órfão sem uma família.

Percebemos que a verdadeira riqueza é permanecer na comunhão filial

<sup>9</sup> SV, Conf. de 20 de agosto de 1656, p. 597.

<sup>10</sup> S. Luísa de Marillac, L.489, Escritos, p. 588.

com o Pai; é aceitar ser filho, aceitar ser filha, e depender totalmente do Pai, a exemplo de Jesus que aceitou voluntariamente ser pobre, permanecer sempre no Pai, para realizar o serviço mais sublime de Caridade à humanidade. No seguimento de Cristo pobre aprende-se a viver na dependência e a entregar livremente a própria vida nas mãos de Deus.

A Vida Consagrada é animada permanentemente pela profecia de viver como filhos, filhas, em comunhão com Deus Pai, no seguimento de Jesus na força do Espírito, e pela profecia da fraternidade vivida na Comunidade, o que requer a pobreza comunitária: vemos nisto que é possível cuidar da situação dos pobres, dos mais sofredores e não de nossa própria riqueza, seja ela o que for. Ter um coração livre de posses – como o descobriu miseravelmente o filho mais novo da parábola – significa abrir espaço para ter o pobre no horizonte de minha vida através da solidariedade, da amizade, do contato, de Projetos com início, meio e fim. Aprendemos de Jesus quando diz: “vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres”, aprendemos que dar é esse verbo próprio do homem novo que deseja compartilhar os bens e compartilhar o coração com os seus irmãos e irmãs para melhor servir na missão.

A pobreza abre espaço no coração tornando-o mais criativo, disponível e generoso em direção aos pobres, abandonados, sofredores.

A pobreza é a opção por um estilo de vida em que o trabalho e a atividade humana não têm como fim o lucro próprio, vantagens pessoais, promoção pessoal e domínio sobre as demais pessoas, a posse ou o acúmulo de bens, mas o compartilhar os bens para melhor servir os mais pobres e para colaborar efetivamente no advento do Reino de Deus.

Na situação atual, para servir os pobres por meio de diversas obras e serviços, com a presença de consagrados e de leigos e leigas, necessitamos de bens, sejam bens móveis ou imóveis. Isso acontece desde as origens da Companhia e das Congregações em geral, e temos de reconhecer que isto não impediu os fundadores nem as primeiras Irmãs de viverem a pobreza.

A pobreza da imensa maioria da Vida Consagrada hoje é uma pobreza com recursos e com meios: temos necessidade de meios permanentes para os estudos, para a formação; temos casas, obras a serem mantidas e meios de sustento; temos previdência; temos representação na ONU; temos recursos para elaborar Projetos com e em favor dos pobres, tendo

início, meio e fim; temos recursos para compartilhar; também procuramos captar recursos, porque deles necessitamos para servir melhor os pobres, etc.; temos também irmãs e irmãos consagrados que vivem inseridos no meio dos mais pobres, nas mais diversas culturas, oferecendo grande testemunho profético; e temos também irmãs e irmãos consagrados que sofrem o destino de grande parte dos pobres (infelizmente, pois é algo cruel e desumano – a fome, violências, humilhações, discriminações, indiferença, torturas, etc.), às vezes, de maneira prolongada, ou ocasional.

Jesus quis livremente viver a pobreza, assumiu-a na sua maneira de viver, indo ao encontro dos pobres, doentes, abandonados, discriminados, entregando-se nas mãos de seu Pai no total abandono de si e na dependência em relação ao Pai, e sempre fiel à missão recebida do Pai.

Nossa pobreza não é providencialista nem mendicante, no contexto de hoje; é, sempre um dom de Deus, e hoje, uma pobreza com recursos, com meios, por isso deve ser *solidária*, como a de Deus manifestada em Jesus Cristo. O voto de pobreza é instrumento para melhor ser Filha da Caridade e melhor servir os pobres, lutando contra, – indo à raiz –, a pobreza humana, material e espiritual. Isso levanta também um enorme desafio para a imensa maioria da Vida Consagrada: como ser e aparecer mais pobres, sóbrios, simples, “tendo” (administrando) muitos bens? Temos consciência de que somos servidores e que os bens devem ser administrados para melhor servir na missão junto aos mais pobres, porém a maioria das pessoas da sociedade veem apenas essas obras aparentemente imponentes e grandiosas e não estão tão convencidas de que tenham algo a ver com o serviço dos pobres.

Finalizo com esta citação do Papa Francisco que resgata muitos elementos da pobreza:

“Não esqueçamos que, para os discípulos de Cristo, a pobreza é, antes de mais, *uma vocação a seguir Jesus pobre*. É um caminho atrás d’Ele e com Ele: um caminho que conduz à bem-aventurança do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3; Lc 6, 20). Pobreza significa um coração humilde, que sabe acolher a sua condição de criatura limitada e pecadora, vencendo a tentação de onipotência que cria em nós a ilusão de ser imortal. A pobreza é uma atitude do coração que impede de conceber como objetivo de vida e condição para a felicidade o dinheiro, a carreira e o luxo. Mais, é a pobreza que cria as condições para assumir livremente as responsabilidades pessoais e sociais,

não obstante as próprias limitações, confiando na proximidade de Deus e vivendo apoiados pela sua graça. Assim entendida, a pobreza é o metro que permite avaliar o uso correto dos bens materiais e também viver de modo não egoísta nem possessivo os laços e os afetos<sup>11</sup>”.

## O VOTO DE OBEDIÊNCIA

O Concílio Ecumênico do Vaticano II pôs as bases para o *aggiornamento* da Igreja na sua relação com o mundo moderno, e assumiu a busca por liberdade como um valor fundamental para o ser humano. O Concílio também passou de uma eclesiologia que concebia a Igreja como “sociedade hierárquica” para uma eclesiologia “Povo de Deus”, com igual dignidade baptismal e com ministérios, funções, carismas, diferentes. Do mesmo modo, a compreensão da Vida Consagrada é redefinida, passando de “estado de perfeição” a testemunho profético e sinal da presença do Reino de Deus já neste mundo<sup>12</sup>. Todas estas mudanças estruturais tocam o voto de obediência, redefinindo-o profundamente<sup>13</sup>.

Quando o decreto *Perfectae Caritatis* propõe princípios para a renovação da Vida Consagrada, desloca o voto de obediência da relação vertical súdito-superior e situa-o numa rede de complexas relações com vários pólos que se interagem.

A relação primordial e fundante das demais é aquela entre a pessoa consagrada e Deus:

“Pela profissão da obediência, os religiosos oferecem a plena oblação da própria vontade como sacrifício de si mesmos a Deus, e por ele se unem mais constante e seguramente à vontade divina salvífica.”<sup>14</sup>

O modelo de obediência é Jesus Cristo que veio ao mundo para fazer a vontade do Pai (cf. Jo 5, 30b) assumindo a forma de escravo (cf. Fl 2, 7), isto é, daquele cuja vontade é aderir e fazer a vontade de seu Senhor.

<sup>11</sup> Papa Francisco, Mensagem para o I Dia Mundial dos pobres, n.4, 19/11/2017. Cf. também, Catecismo da Igreja Católica, n. 25-45.

<sup>12</sup> Cf. Lumen Gentium, n. 44.

<sup>13</sup> Cf. Frei Vanildo Luiz Zugno, “O voto de obediência: reflexões a partir do Magistério do Papa Francisco”, pp. 71-86, in.: CONVERGÊNCIA, Ano LV, n.53, nov-dez/2020. Nossa reflexão sobre o voto de obediência segue a estrutura deste artigo, adaptando-o para nós.

<sup>14</sup> Decreto *Perfectae Caritatis* (PC), n.14.

Nesta relação, sob a inspiração do Espírito Santo, os superiores e as superiores são “vigários de Deus”. O texto não compreende a função vicária do superior ou da superiora como a de intermediários da relação entre a pessoa consagrada e Deus, mas como a de levar os irmãos e/ou as irmãs a fazer o mesmo que Jesus Cristo fez: “servir os irmãos e dar a sua vida para a redenção de muitos”<sup>15</sup>. Seguindo essa vereda, os membros da Vida Consagrada “unem-se mais estreitamente ao serviço da Igreja e procuram chegar à medida da idade plena de Cristo”<sup>16</sup>.

Dentro desta compreensão surge uma segunda relação não menos importante: aqueles e aquelas que precisam do serviço da pessoa consagrada para alcançar a salvação. Então, *o caminho é este: da obediência a Deus por parte da pessoa consagrada, nasce a obediência aos que necessitam da presença da pessoa consagrada*. Contemplando esta primeira e segunda relação, aparece também o papel do superior ou da superiora: animar, acompanhar, para que a pessoa consagrada seja obediente à missão recebida de Deus Pai – assim o papel do superior ou da superiora não é o de intermediário que diz o que Deus quer da pessoa consagrada.

Desse modo, na obediência, além de escutar a voz de Deus, é necessário estar atento às vozes que clamam da profundidade da humanidade, estar atentos aos sinais dos tempos, e ao clamor da criação e discernir juntos, porque nelas também pode estar o chamado de Deus a obedecer. A missão de “servir a todos os irmãos em Cristo” se torna efetiva no espaço eclesial em que a pessoa consagrada vive e se relaciona.

*Perfectae Caritatis* propõe também uma terceira instância referente à obediência: “Os Capítulos e os Conselhos cumpram fielmente a sua função no governo, e, cada um a seu modo, expressem a participação e a solicitude de todos os membros no bem da comunidade inteira”. O discernimento da vontade de Deus à qual a pessoa consagrada deve estar atenta e pronta, passa também pelas instâncias comunitárias.

A partir disto, percebemos que o objetivo último da obediência não é que a pessoa consagrada submeta a sua vontade à do superior ou superiora. A obediência ao superior ou superiora é apenas uma mediação para a “edificação do Corpo de Cristo segundo o desígnio de Deus”. Assim

---

<sup>15</sup> PC, n.14.

<sup>16</sup> PC, n.14.

compreendida e vivida, a obediência “longe de diminuir a dignidade da pessoa humana, leva-a à maturidade, aumentando a liberdade dos filhos de Deus”<sup>17</sup>.

O superior ou superiora “deverá dar contas das almas que lhes foram confiadas”. Mais do que mandar, os superiores ou superiores devem ser os primeiros a serem “dóceis à vontade de Deus no cumprimento do seu cargo” e, ao mesmo tempo, exercer “a autoridade em espírito de serviço a favor de seus irmãos, de tal maneira que sejam a expressão da caridade com que Deus os ama”<sup>18</sup>.

Desse modo, o superior ou superiora anima e convoca permanentemente cada pessoa consagrada a comprometer-se no projeto de Deus, segundo o carisma próprio da Congregação recolhido nas Constituições. E a obediência, vivida no espírito de liberdade, deixa de ser uma obediência passiva para ser uma “obediência ativa e responsável no desempenho das funções e na aceitação das empresas”<sup>19</sup>.

Na linha do Concílio Vaticano II, S. João Paulo II, na Exortação Apostólica PósSinodal *Vita Consecrata*, ao tratar do voto de obediência, reafirma que a “cultura da liberdade é um valor autêntico, ligado intimamente ao respeito da pessoa humana”<sup>20</sup>. Todavia, propõe duas balizas firmes para uma verdadeira liberdade. A primeira delas afirma que, a pessoa consagrada, seguindo o comportamento do Filho, torna-se verdadeiramente livre quando se mantém atenta e fiel à vontade do Pai<sup>21</sup>. A segunda destas balizas estabelece que quando a comunidade religiosa “é o lugar privilegiado para discernir e acolher a vontade de Deus e caminhar juntos em união de mente e coração, na fraternidade animada pelo Espírito Santo, cada qual estabelece com o outro um diálogo precioso para descobrir a vontade do Pai, e todos reconhecem em quem preside a expressão da paternidade divina e o exercício da autoridade recebida de Deus ao serviço do discernimento e da comunhão”<sup>22</sup>.

---

<sup>17</sup> *Idem*.

<sup>18</sup> *Idem*.

<sup>19</sup> *Idem*.

<sup>20</sup> S. JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata* (VC), n.91.

<sup>21</sup> Cf. VC, n.92.

<sup>22</sup> VC, n.92. No caso das mulheres Consagradas, entendam maternidade divina.



## *Obediência para o Ephata: sair porta afora... ir para... encontrar*

O Papa Francisco quer que a alegria do Evangelho chegue a todas as pessoas, principalmente àquelas que, no mundo de hoje, padecem com a dor da pobreza e da indiferença.

Tentemos encontrar elementos que nos ajudem a compreender o que seria a obediência vivida na perspectiva do *Ephata*.

### *Sair porta afora, antídoto contra a autorreferencialidade*

É inerente à estrutura fundamental da obediência a decisão de sair de si mesmo e colocar a própria vontade no querer de Deus. Através do encontro com Jesus Cristo "somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade" e "permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro"<sup>23</sup>.

A autorreferencialidade constitui um grande obstáculo para a obediência e, nela, a realização da nossa liberdade humana. O Papa Francisco toca neste assunto quando fala das tentações dos agentes de pastoral, na *Evangelii Gaudium* apontando uma delas, o "mundanismo espiritual". Este consiste em "buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal"<sup>24</sup>. A tentação do mundanismo espiritual se apresenta, na realidade da Igreja, sob duas tendências: a tendência gnóstica e a tendência pelagiana. Por caminhos e com expressões diferentes, ambas têm sua raiz no fechamento da pessoa sobre si mesma, isto é, na tendência à autorreferencialidade. Na "fé fechada no subjetivismo" da tendência gnóstica, "a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos". Quanto à tendência neopelagiana, refere-se ao modo "autorreferencial e prometeico de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado"<sup>25</sup>.

Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, o Papa retoma o tema da tendência gnóstica e da tendência pelagiana, como versões modernas de dois inimigos sutis da santidade, reservando-lhes um capítulo<sup>26</sup>. Depois

<sup>23</sup> Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (EG), n.8.

<sup>24</sup> EG, n.93

<sup>25</sup> EG, n.94.

<sup>26</sup> Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n.35-62.

de abordar longamente o gnosticismo e o pelagianismo, o Papa conclui que, para encontrar o caminho da santidade, a “primeira coisa é pertencer a Deus”, o que indica para nós o sentido fundamental da obediência na Vida Consagrada: nos oferecermos a Deus, com tudo o que somos e temos, nossas capacidades, o nosso esforço, a nossa luta contra o mal e a nossa criatividade, para que o seu dom gratuito cresça e se desenvolva em nós.

O Papa chama a atenção para um outro aspecto da autorreferencialidade: *ela torna incapaz de praticar a caridade na realidade concreta em que se vive*. Além de tender a fechar a pessoa à voz de Deus, ela também pode ir fechando os ouvidos do crente à voz do irmão que sofre. Com efeito, abertura à voz de Deus e abertura à voz do irmão que sofre são os dois lados da mesma disponibilidade à obediência:

“Jesus abre uma brecha que permite vislumbrar dois rostos: o do Pai e o do irmão. Não nos dá mais duas fórmulas ou dois preceitos; entrega-nos dois rostos, ou melhor, um só: o de Deus que se reflete em muitos, porque em cada irmão, especialmente no mais pequeno, frágil, inerme e necessitado, está presente a própria imagem de Deus. De fato, será com os descartados desta humanidade vulnerável que, no fim dos tempos, o Senhor plasmará a sua última obra de arte. Pois, o que é que resta? O que é que tem valor na vida? Quais são as riquezas que não desaparecem? Seguramente duas: o Senhor e o próximo. Estas duas riquezas não desaparecem”<sup>27</sup>.

Portanto, escutar a Deus e escutar o irmão pobre e sofredor: é o início da verdadeira obediência capaz de superar a tendência à autorreferencialidade.

### *A doação de si a Deus e ao outro como caminho para a felicidade*

Sair porta afora... ir para... encontrar o outro, escutar sua voz, é o primeiro passo para ir além da autorreferencialidade, combatendo-a. E junto com este, está o segundo passo: pôr-se a serviço do outro. O próprio Jesus, no episódio das bodas de Caná, é o modelo da escuta que se transforma em serviço. Diante da necessidade percebida por Maria – a falta de vinho para que a festa fosse completa – Jesus não se contenta em escutar. Ele se põe a agir e chama aos que estão ao seu redor para, com Ele, encontrar a solução para a necessidade que aflige o casal<sup>28</sup>.

<sup>27</sup> GE, n.61.

<sup>28</sup> Cf. Papa Francisco, Homilia na Festa da Apresentação do Senhor, XXIII Dia Mundial da Vida Consagrada.

Para a pessoa consagrada, colocar-se a serviço do outro é fazer seu o caminho da kenose do Filho de Deus que, para a nossa salvação, assumiu a condição humana:

“Jesus não veio para fazer a sua vontade, mas a vontade do Pai; e isso – disse Ele – era o seu ‘alimento’ (cf. Jo 4, 34). De igual modo, quem segue Jesus, abraça a via da obediência, imitando a ‘condescendência’ do Senhor, abaixando-se e assumindo a vontade do Pai até ao aniquilamento e à humilhação de si mesmo (cf. Fl 2, 7-8). Para um religioso, progredir significa abaixar-se no serviço, isto é, fazer o mesmo caminho de Jesus, que ‘não considerou como uma usurpação ser igual a Deus’ (Flp 2, 6). Abaixar-se, fazendo-se servo; abaixar-se para servir”<sup>29</sup>. Obediência é abaixar-se para escutar e fazer-se servidor dos pobres segundo o horizonte da vontade do Pai.

O Papa retoma, na *Evangelii Gaudium*, o Documento de Aparecida lembrando que, “de fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais”, pois “a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros”<sup>30</sup>. Na Vida Consagrada, tal feito é consequência do voto de obediência pelo qual a pessoa consagrada faz oferenda de sua vida nas mãos de Deus para servir em Comunidade aos mais necessitados que precisam de vida.

Por isso, viver a obediência na dinâmica do Ephata, significa que a pessoa consagrada se esforça sempre para ser uma pessoa que irradia a alegria de estar na “dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além”<sup>31</sup> para estar servindo o Cristo nos mais pobres.

### **Obediência itinerante e missionária**

Estar com Jesus é pôr-se sempre de novo a caminho. Ele não tinha lugar fixo onde repousar a cabeça (cf. Mt 8,20). Diante da proposta de Pedro para construir uma tenda no alto do monte, Jesus os convida a descer e peregrinar em busca dos que ainda precisam da Boa Nova (cf. Mt 17,9).

A intimidade com Jesus buscada por toda pessoa consagrada, é uma “intimidade itinerante e a comunhão [com Jesus] reveste essencialmente

<sup>29</sup> Papa Francisco, Homilia da Festa da Apresentação do Senhor no XIX Dia Mundial da Vida Consagrada, 2015.

<sup>30</sup> Cf. EG, n.10.

<sup>31</sup> EG, n.21.

a forma de comunhão missionária”<sup>32</sup>. A pessoa consagrada que vive a obediência no encontro e na escuta sincera e atenta do chamado de Deus, não pode apegar-se a lugares, pessoas, coisas, cargos... Deve imitar a Jesus e estar sempre disposta a partir para novas realidades, novos encontros, ao desapego constante, a novos serviços.

Agarrar-se à estabilidade e às seguranças vindas da estabilidade constitui, segundo o Papa Francisco, um “relativismo prático” muito mais perigoso do que o relativismo doutrinal pois “tem a ver com as opções mais profundas e sinceras que determinam” nossa forma e nosso estilo de Vida Consagrada<sup>33</sup>, configurando-o ou não ao próprio Cristo nas suas atitudes, opções, sentimentos.

O relativismo prático nasce da negação da itinerância, traduzindo-se em “agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem”<sup>34</sup>. Qualquer agente de pastoral está sujeito a isso. Porém, é muito mais perigoso para as pessoas consagradas que puseram suas vidas totalmente a serviço do Reino e que são tentadas a “cair num estilo de vida que as leva a agarrarem-se em seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana almejadas por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão”<sup>35</sup>.

O antídoto para isto é a obediência à voz de Deus e à voz dos pobres para que não se apague em nós o ardor, o entusiasmo missionário.

### **Obediência e Sinodalidade**

O Papa Francisco tem implementado diversas mudanças na Igreja. Dentre elas, ele introduziu mudanças importantes na forma de governar. Estas mudanças são, às vezes, inesperadas para a maioria, e marcam uma “brusca transição” de uma forma mais monárquica de governar para uma forma sinodal do exercício do poder, e estão em consonância com o Concílio Vaticano II e com o Magistério dos Sumos Pontífices que precederam o nosso atual Papa.

No pontificado do Papa Francisco há exemplos de efetivação desta proposta: no início de seu pontificado, em 2013, ele tomou a iniciativa de criar o Conselho de Cardeais para “ajudar no governo da Igreja Universal”.

<sup>32</sup> EG, n.23.

<sup>33</sup> Cf. EG, n.80.

<sup>34</sup> *Idem*.

<sup>35</sup> EG, n.80. Citação por nós ligeiramente modificada.

Na sequência, há vários sínodos realizados segundo um caminho sinodal até culminar num Sínodo, em 2023, sobre a sinodalidade da Igreja; há também a promulgação da Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* na qual o Papa Francisco consolida a prática sinodal instaurada pelo Vaticano II<sup>36</sup>.

Para os consagrados que buscam viver o voto de obediência no espírito da Igreja em saída missionária, a consciência da sinodalidade, - “dimensão constitutiva da Igreja”, e da Vida Consagrada, – que se fundamenta no único batismo que todos recebemos e nos mesmos votos que todos professamos ou assumimos, é um desafio que merece ser concretizado em instâncias sinodais de discernimento e decisão que nos conduzam a vivenciar a palavra de Deus que se faz ouvir nas diferentes realidades que nos cabe viver.

Trata-se de mudanças estruturais e não apenas pontuais, e por isso mesmo conflitos aparecem. Na insegurança diante destas mudanças, alguns voltam à aparente segurança do passado: adotam a obediência cega cuja inteira responsabilidade é depositada nos ombros do superior ou da superiora. Há outros que se enveredam por uma outra direção, também equivocada: seguem a correnteza deixando-se levar pela “cultura onde cada um pretende ser portador duma verdade subjetiva própria”, dificultando à pessoa consagrada “inserir-se num projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais”<sup>37</sup>. Ter consciência disso é importante para discernir e obedecer à vontade do Senhor com a Igreja e com ela caminhar na fidelidade até à Pátria definitiva.

Bem-aventuradas as Filhas da Caridade que renovam seus votos com um novo ardor missionário, em saída missionária, obedecendo a Deus, para se colocarem a serviço dos empobrecidos e descartados da sociedade. Que possamos ser, com nossas instâncias comunitárias e sinodais, instrumentos para que nossa obediência seja cada vez mais fiel à nossa finalidade apostólica na Igreja e colocar-nos integralmente nas mãos de Deus, para, assim como Jesus Cristo Servidor, fazer a vontade de Deus.

Que a bem-aventurada Virgem Maria, Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa, São Vicente e Santa Luísa, acompanhem-nas nesta renovação dos votos neste ano da graça do Senhor de 2022, fortalecendo cada Irmã na fidelidade e na perseverança no seguimento de Jesus Cristo Servidor, casto, pobre e obediente.

Minha oração por todas e cada uma. Feliz renovação dos votos.

<sup>36</sup> Cf. LG, n.12; *Episcopalis Communio*, n.5, e EG, n.31.

<sup>37</sup> EG, n.61.

## A IGREJA

### MENSAGEM URBI ET ORBI DO PAPA FRANCISCO - PÁSCOA 2022

Balcão central da Basílica Vaticana - Domingo, 17 de abril de 2022

“Queridos irmãos e irmãs, feliz Páscoa!

Jesus, o Crucificado, ressuscitou! Veio ter com aqueles que choram por Ele, fechados em casa, cheios de medo e angústia. Veio a eles e disse: “A paz esteja convosco!” (Jo 20, 19). Mostra as chagas nas mãos e nos pés, a ferida no lado: não é um fantasma, é mesmo Ele, o mesmo Jesus que morreu na cruz e esteve no sepulcro. Diante dos olhos incrédulos dos discípulos, repete: “A paz esteja convosco!” (20, 21).

Também os nossos olhos estão incrédulos, nesta Páscoa de guerra. Demasiado sangue, vimos; demasiada violência. Também os nossos corações se encheram de medo e angústia, enquanto muitos dos nossos irmãos e irmãs tiveram de se fechar nos subterrâneos para se defender das bombas. Sentimos dificuldade em acreditar que Jesus tenha verdadeiramente ressuscitado, que tenha verdadeiramente vencido a morte. Terá porventura sido uma ilusão? Um fruto da nossa imaginação?

Não; não é uma ilusão! Hoje, mais do que nunca, ressoa o anúncio pascal tão caro ao Oriente cristão: “Cristo ressuscitou! Verdadeiramente ressuscitou!” Hoje, mais do que nunca, precisamos d’Ele, no termo de uma Quaresma que parece não querer acabar. Temos atrás de nós dois anos de pandemia, que deixaram marcas pesadas. Era o momento de sairmos do túnel juntos, de mãos dadas, juntando as forças e os recursos... Em vez disso, estamos demonstrando que ainda não existe em nós o Espírito de Jesus, mas existe ainda em nós o espírito de Caim, que vê Abel não como um irmão, mas como um rival, e pensa como há de eliminá-lo. Temos necessidade do Crucificado ressuscitado para acreditar na vitória do amor, para esperar na reconciliação. Hoje mais do que nunca precisamos d’Ele, precisamos que venha colocar-Se no meio de nós e nos diga mais uma vez: “A paz esteja convosco!”

Só Ele o pode fazer. Só Ele tem hoje o direito de anunciar-nos a paz. Só Jesus, porque traz as chagas, as nossas chagas. Aquelas chagas d’Ele são nossas duas vezes: são nossas, porque Lh’as provocamos nós, com os

nossos pecados, a nossa dureza de coração, o ódio fratricida; e são nossas, porque Ele as traz por nós, não as cancelou do seu Corpo glorioso, quis conservá-las, trazê-las consigo para sempre. São um timbre indelével do seu amor por nós, uma perene intercessão ao Pai celeste para que as veja e tenha misericórdia de nós e do mundo inteiro. As chagas no Corpo de Jesus ressuscitado são o sinal da luta que Ele travou e venceu por nós, com as armas do amor, para podermos ter paz, estar em paz, viver em paz.

Contemplando aquelas chagas gloriosas, os nossos olhos incrédulos escancaram-se, os nossos corações endurecidos abrem-se e deixam entrar o anúncio pascal: "A paz esteja convosco!"

Irmãos e irmãs, deixemos entrar a paz de Cristo nas nossas vidas, nas nossas casas, nos nossos países!

Haja paz para a martirizada Ucrânia, tão duramente provada pela violência e a destruição da guerra cruel e insensata para a qual foi arrastada. Sobre esta noite terrível de sofrimento e morte, surja depressa uma nova aurora de esperança. Escolha-se a paz! Deixe-se de exhibir os músculos, enquanto as pessoas sofrem. Por favor, por favor: não nos habituemos à guerra, empenhemo-nos todos a pedir a paz, em alta voz, das varandas e pelas ruas! Paz! Quem tem a responsabilidade das nações, ouça o clamor do povo pela paz. Lembre-se daquela inquietadora pergunta feita pelos cientistas, há quase setenta anos: "*Poremos fim ao gênero humano, ou a humanidade saberá renunciar à guerra?*" (Manifesto Russell-Einstein, 09/ VII/1955).

Trago no coração todas e cada uma das numerosas vítimas ucranianas, os milhões de refugiados e deslocados internos, as famílias divididas, os idosos abandonados, as vidas destroçadas e as cidades arrasadas. Não me sai da mente o olhar das crianças que ficaram órfãs e fogem da guerra. Vendo-as, não podemos deixar de nos dar conta do seu grito de sofrimento, juntamente com o de tantas outras crianças que sofrem em todo o mundo: as que morrem de fome ou por falta de cuidados médicos, as que são vítimas de abusos e violências e aquelas a quem foi negado o direito de nascer.

No meio da angústia da guerra, não faltam também sinais encorajadores, como as portas abertas de tantas famílias e comunidades que acolhem migrantes e refugiados em toda a Europa. Que estes numerosos atos de

caridade se tornem uma bênção para as nossas sociedades, por vezes degradadas por tanto egoísmo e individualismo, e contribuam para torná-las acolhedoras com todos.

Que o conflito na Europa nos torne mais solícitos também perante outras situações de tensão, sofrimento e angústia, que tocam demasiadas regiões do mundo e que não podemos nem queremos esquecer.

Haja paz no Médio Oriente, dilacerado por anos de divisões e conflitos. Neste dia glorioso, peçamos paz para Jerusalém e paz para aqueles que a amam (cf. *Sal 121/122*): cristãos, judeus e muçulmanos. Possam israelitas, palestinianos e todos os habitantes da Cidade Santa, juntamente com os peregrinos, experimentar a beleza da paz, viver em fraternidade e gozar de livre acesso aos Lugares Santos no mútuo respeito pelos direitos de cada um.

Haja paz e reconciliação para os povos do Líbano, da Síria e do Iraque, e, de modo particular, para todas as comunidades cristãs que vivem no Médio Oriente.

Haja paz também para a Líbia, a fim de encontrar estabilidade depois das tensões destes anos, e para o Iêmen, que sofre com um conflito esquecido por todos, mas com vítimas contínuas: a trégua assinada nos últimos dias possa devolver esperança à população.

Ao Senhor ressuscitado, pedimos o dom da reconciliação para Mianmar, onde perdura um cenário dramático de ódio e violência, e para o Afeganistão, onde não diminuem as perigosas tensões sociais e onde uma dramática crise humanitária atormenta a população.

Haja paz para todo o continente africano, a fim de que cessem a exploração de que é vítima e a hemorragia causada pelos ataques terroristas – particularmente na região do Sahel – e encontre apoio concreto na fraternidade dos povos. Que a Etiópia, atribulada por uma grave crise humanitária, reencontre o caminho do diálogo e da reconciliação e cessem as violências na República Democrática do Congo. Não falte a oração e a solidariedade pelas populações do leste da África do Sul, atingidas por enchentes devastadoras.

Cristo ressuscitado acompanhe e assista as populações da América Latina, que, em alguns casos, viram piorar as suas condições sociais



nestes tempos difíceis de pandemia, agravadas também por casos de criminalidade, violência, corrupção e tráfico de drogas.

Peçamos ao Senhor ressuscitado que acompanhe o caminho de reconciliação que a Igreja Católica no Canadá está percorrendo com os povos autóctones. Que o Espírito de Cristo ressuscitado cure as feridas do passado e disponha os corações na busca da verdade e da fraternidade.

Queridos irmãos e irmãs, cada guerra traz consigo consequências que envolvem toda a humanidade: do luto ao drama dos refugiados, até a crise econômica e alimentar de que já se veem os primeiros sintomas. Perante os sinais perdurantes da guerra, bem como diante das muitas e dolorosas derrotas da vida, Cristo, vencedor do pecado, do medo e da morte, exortamos a não nos rendermos ao mal e à violência. Irmãos e irmãs, deixemos vencer pela paz de Cristo! A paz é possível, a paz é um dever, a paz é responsabilidade primária de todos!”

## **IGREJA EM FAVOR DA PAZ E NÃO VIOLÊNCIA**

*Prof. Érico Hammes (Curso de Teologia da Escola de Humanidades – PUC-RS)*

Por iniciativa da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz, em concordância com o Papa Francisco, foi realizado em novembro de 2017, em Chicago, nos EUA, um encontro de 16 teólogos pesquisadores de alguns países para um ensaio de releitura da Teologia Católica à Luz da Paz e Não Violência. A tarefa consistiu numa tentativa de revisão dos principais conteúdos da fé católica para avaliar sua capacidade de contribuir para relações melhores entre as pessoas, povos, culturas e nações. Quais as razões para tal iniciativa?

A paz consiste essencialmente na superação do recurso à violência, na transformação criativa e não violenta dos conflitos, numa boa relação consigo, com os outros, com a natureza e com o totalmente outro, o Mistério Divino (cf. Carta da Terra). Plenitude de vida e relações saudáveis expressam a abrangência da paz e não violência. Assassínatos, assaltos, agressões físicas ou verbais, violações, discriminações, dentre muitas outras, são formas de violência pessoal e direta. Além dessas, existem ainda as estruturais e culturais e, claro, as guerras.

Duas razões da história recente obrigam a mudar o pensamento em relação à violência e à guerra. Desde a Segunda Guerra Mundial, depois da

bomba nuclear, a guerra se tornou insustentável como forma de resolução dos conflitos entre os povos. Algumas situações conflitivas foram resolvidas de forma não violenta, provando a eficácia de soluções pacíficas. As mais importantes foram a independência da Índia, sob a liderança de Mahatma Gandhi, a mudança das relações entre brancos e negros nos EUA, sob a condução cristã de Martin Luther King (foto), e a queda do muro de Berlim. Por suas consequências diretas, pelo elevado custo social e ambiental e por seus efeitos muito passageiros, o “remédio” da guerra se tornou insustentável.

O motivo maior da promoção da paz, no entanto, é a superação da violência em todos os âmbitos da vida. De fato, o inimigo da paz não é a guerra, mas a violência, da qual a guerra é apenas uma das formas. É o caso típico da realidade brasileira. Mesmo



sem guerra, a violência direta no Brasil, com seus 61.600 assassinatos em 2016, mata cada ano mais do que a maioria dos países em guerra hoje. É mais do que a bomba atômica lançada sobre a cidade de Nagasaki em 1945. Somando esse número às vítimas de trânsito, passamos dos 120 mil mortos violentos por ano. O Brasil é a prova trágica de que a violência, mesmo sem uma guerra, é a verdadeira contradição à paz. E essa violência é uma cultura que pode ser mudada em cultura de paz.

O cristianismo tem recursos para isso. É verdade que, historicamente, houve oscilação entre favorecer a violência ou a paz. De fato, pode-se afirmar com bastante segurança que os Evangelhos e o Novo Testamento apresentam um Jesus fundamentalmente não violento. No início do cristianismo, a atitude predominante era em favor da paz e contra a violência, inclusive com o sacrifício da vida, já que os cristãos se negavam inclusive ao serviço militar. Invocava-se, com razão, o exemplo de Jesus de Nazaré. Por outro lado, a participação posterior na guerra, nas Cruzadas e conquistas, assim como nos combates modernos, estava baseada numa extensão indevida do direito de defesa, com o argumento da “guerra justa”, ou de propagação da fé.

Ao longo do século 20, e em consonância com uma ampla consciência do conjunto da sociedade, a Igreja Católica e várias outras igrejas cristãs recuperaram sua tradição em favor da paz e da não violência. Em particular, na Igreja Católica neste momento cresce a disposição de releer sua tradição e seu conteúdo de fé sob a perspectiva da urgência de novas formas de relação humana. O nome Francisco, adotado pelo Papa, representa, entre outros, o compromisso com a paz.

O imperativo da paz e não violência afasta de um Deus da guerra e revela o Mistério de Comunhão e misericórdia, a cuja imagem todo o ser humano foi criado. Aprender a perceber a importância do batismo e das promessas batismais como renúncia à violência e compromisso em favor da paz. Prestar atenção às referências litúrgicas, especialmente na eucaristia, às saudações de paz.

Os grupos cristãos, as escolas e universidades, as pastorais e movimentos, todas as instâncias de formação cristã têm a vocação de serem sinais da saudação cristã: "A paz esteja convosco!"

Disponível em <https://www.pucrs.br/revista/igreja-em-favor-da-paz-e-nao-violencia/>

## COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS

### CONVERSA ENTRE AMIGAS

*Ir. Vera Brasil da Nóbrega, fc*



Cresceram juntas e agora estão idosas. E, como tal, têm muitas lembranças e viram muita coisa da realidade onde estão. Residem lado a lado.

Num dia ensolarado, com o céu muito azul, curtindo uma brisa adorável, começaram a conversar. E não era “papo furado”, mas recordações em comum.

– Todo mundo gosta de nós, nos acham bonitas e elegantes...

– Somos PALMEIRAS imperiais e aqui chegamos adolescentes.

– E estamos vivendo num ambiente sagrado e belo, entre o Santuário e a Casa Central.

– Sagrado, por quê?

– Aqui, nesta colina do Matoso, há nove capelas com o Santíssimo Sacramento... Veja as outras palmeiras batendo palmas de alegria por esta constatação!

– E quem nos contempla são as Irmãzinhas da Mère Blanchot e as da Casa Central ali em nossa frente.

– Já observou quanta mudança aconteceu aqui nos prédios e nas pessoas?

– Sim, por exemplo, a Casa Central sofreu duas reformas. A primeira foi total, na década de 70, com Ir. Ione; e a segunda, foram adaptações e melhoramentos com Ir. Jeny, abrangendo a Mère Blanchot.

– Uma melhoria e tanto. Ir. Jeny deu para as Irmãs uma residência muito boa; ela era uma “guerreira”; corajosa e muito forte, enfrentou tudo!

- E quanta poeira “comemos”; tempos um tanto difíceis...
- Na primeira obra, as Irmãs residentes na casa se acomodaram nem sei onde...
- O grupo do Conselho, soube que foi para Botafogo, com o Seminário. O pensionato que lá existia teve que ceder o espaço para ele.
- Você está lembrada de algumas Irmãs desta época?
- Sim, IRMÃ HILDA OLIVEIRA, que foi ecônoma provincial e que reside agora na Mère Blanchot.
- E como era organizada! Também era arquivista da Província.
- Assim ouvi dizer: onde há agora um corredor com várias salas para o Economato, a Contabilidade, o Departamento Jurídico, o Serviço Social, etc., era a comunidade Catarina Labouré, cuja Irmã Servente era IRMÃ ODILA COSTA. Lembra-se? Ela era da Santa Casa.
- Servente? Por acaso ela era ajudante de pedreiro? Rá, rá, rá, rá!
- Não, amiga! As Irmãs denominam as superiores das comunidades com este título!...
- Então, se me lembro, eram IRMÃS ODILA COSTA, SUSANA DELGADO, EXPEDITA TORQUATO, LÉA TRINDADE, FOLEGATTI, ROSALIE REBOUÇAS...
- Esta última tinha vindo de Botafogo, onde dirigiu o Colégio. Exímia educadora, cearense, muito humana, delicada, assim ouvi dizer... E IRMÃ CATARINA DA CHINA que foi missionária entre os chineses...
- As três IRMÃS FIUZA: Catarina, Clara e Vicência. Esta última foi a primeira Visitadora brasileira da Província de Curitiba, que era polonesa... E ainda IRMÃ ANTOINETTE FIUZA, que era prima das outras. Cearenses...
- O Santuário cresceu, se embelezou, veio a imagem do monumento – do local onde é o hospital hoje – para o alto da torre.
- Nesse período, iniciou-se a construção de um grande hospital. Recordo-me da Irmã corajosa, de muita fé e competência!
- Já sei! Era a IRMÃ MATILDE SALOMÃO, a Saló, como diziam. Muito caridosa, humana, enérgica e firme!
- Grande sonhadora, mas com os pés firmes no chão da realidade.
- Pois não é que enfrentou muitos desafios e conseguiu erguer o

## Hospital São Vicente de Paulo?

– E da IRMÃ APP, lembra-se dela?

– Sim! Aquela Irmã usava sapatos de salto por causa da coluna... Foi missionária na China. Ela sempre aparecia com um grupo de jovens. Eram do Movimento Marial. Muito sorridente, acolhedora, piedosa. Foi Assistente Provincial, coordenava o Setor Educação, Irmã Servente da Casa Central.

– As Irmãs usavam aquela vestimenta tão complicada... Aquela *cornette* branca era o distintivo da caridade no mundo. Estão em 96 países!! A casa parecia um grande pombal de pombas brancas.

– Eu gostava de vê-las subindo a ladeira diante de nós depois das missas no Santuário. E eu vi que você chorou quando as “pombas bateram suas asas e voaram”... Era 20 de setembro de 1964. A revoada das pombas foi no mesmo dia, no mundo inteiro!

– Vamos terminar? Quem está lendo já deve estar cansado!

– Mas, antes, quero lembrar duas Irmãs que foram para a Casa do Pai mais recentemente: a primeira foi IRMÃ NEIL PIMENTEL. Educadora por excelência, trabalhou quase a vida toda em escolas. Enfrentou muitos desafios, mas de todos saiu corajosa e forte...

– Depois de viver na Casa Central, proveniente do Instituto que fora fechado; passou a se dedicar à tradução das Obras Completas de São Vicente de Paulo. Finalmente, veio para a Mère Blanchot, onde ainda continuou seu trabalho por algum tempo. Era exímia no português, francês e espanhol.

– Amava muito a Companhia e exteriorizava este amor neste trabalho tão útil à Província.

– Agora vamos finalizar mesmo, com uma Irmã de baixa estatura, alegre, viva, esperta, disponível. Foi Conselheira e Secretária da Província, Diretora do Seminário e de várias escolas, professora e excelente educadora... Já está lembrando agora?

– Sim! Totalmente doada à missão. Inteligente e comunicativa. Sabe o que ela dizia quando criança?

– Eu ouvi contar: na oração ela pedia a Deus para ser alta, com o cabelo anelado e com a voz bonita para cantar!...

– Nossa! Esta graça Deus não lhe concedeu, mas outras mais preciosas,

dons naturais, na mente, na alma, no coração.

– No seu Projeto de Vida, pedia a Deus para viver na alegria, com os olhos fixos em Jesus, nas mãos de Maria, caminhando nos passos de São Vicente e Santa Luísa, disposta a dizer sempre: “Eis-me aqui, Senhor!”.

– E quanto amor à vocação, a Maria e à Comunidade!

– Lembrei-me! É a IRMÃ ROSALIE CARVALHO!

– Voltaremos a conversar brevemente.

– Está começando a chover e temos que acolher nossos pequenos hóspedes, os passarinhos com seus filhotinhos!





## NOTÍCIAS

### CARISMA VICENTINO EM AÇÃO

*Ir. Adriana de Souza Viana, fc*

No dia 15 de fevereiro próximo passado, uma forte chuva castigou o Município de Petrópolis/RJ, causando mortes, perdas e muita dor, devido aos deslizamentos e enchentes. Tudo aconteceu muito rápido e, em Corrêas, apesar de a chuva não ter sido tão forte e demorada assim, sentimos o seu efeito. A rua em frente ao Colégio rapidamente se transformou em um rio com quase dois metros de profundidade que vertia água fétida e contaminada, e carregava sofás, geladeiras, portas e muito lixo em seu leito, deixando um rastro de destruição que durou desde a tardinha até aproximadamente meia noite, quando as águas começaram a baixar.



A casa das Irmãs e o Colégio Vicentino Padre Corrêa praticamente nada sofreram, em comparação ao estrago que vimos ao nosso redor, sobretudo do outro lado da rua, onde o comércio e moradores perderam tudo. A água chegou até boa parte do pátio externo, tirou o portão maior do trilho e trouxe muita lama ao computador da guarita do portão, mas tudo já está resolvido, com a graça de Deus.

No dia seguinte, começamos a pensar em como dar resposta a uma situação de tanta dor para as famílias, sobretudo para aquelas que perderam tudo ou que perderam alguém. O primeiro passo foi procurar saber como estavam as pessoas, nossos colaboradores e alunos. O segundo passo era transformar a inquietação do coração em um projeto simples e ágil, a ser colocado em prática logo no dia seguinte, quando, com uma quantidade menor de lama e com as ruas menos intransitáveis, poderíamos vivenciar o



*Ephata*, a fim de sair porta afora e encontrar aqueles que Deus colocaria em nosso caminho e que precisaríamos ajudar.

Apresentamos o Projeto “O amor de Cristo nos uniu” aos colaboradores – após sermos certificadas por eles que estavam bem e vidas não foram perdidas em suas famílias – e todos quiseram se voluntariar para ajudar também. O projeto, inicialmente, tinha duas vertentes: a) preparação e doação de 100 quentinhas diárias a serem oferecidas à Paróquia que se constituiu ponto de apoio para as famílias que perderam tudo. A Paróquia ficaria responsável em distribuir, junto com as que ela mesma estava fazendo. Apresentamos a ideia ao Pároco e ele aceitou de pronto. Dessa forma, não competimos, mas “somamos”, como braço da Igreja que somos, enquanto Colégio católico. A outra vertente era: b) Sair às ruas mais afetadas, lá onde sabemos que moram nossos alunos, para visita domiciliar e averiguação de como poderíamos ajudar.

Como Colégio conveniado, não podíamos utilizar nenhum alimento da Prefeitura. Também somos uma obra pobre, com a graça de Deus, e teríamos que contar apenas com a Providência Divina e com nossa iniciativa, criatividade e reta intenção. Deus nos abençoou de tal forma que, no dia mesmo em que o Projeto foi apresentado, conseguimos material para fazermos 107 quentinhas, e voluntários, entre Irmãs, professores e demais colaboradores, para visita em servidões da Estrada Mineira, Olaria, BNH e demais lugares mais afetados pela enchente.

O trabalho foi intenso e as doações não paravam de chegar, tanto para a montagem das quentinhas, que foram crescendo em quantidade, quanto em material para as cestas básicas, material de limpeza e higiene pessoal, roupas, água, entre outros. Muitas pessoas se apresentaram perguntando o que estávamos precisando e atuando como verdadeiros “anjos” junto às Irmãs e colaboradores vicentinos!



A Paróquia atuou doando quentinhas por apenas três dias, depois precisou parar para organizar as doações que chegavam e que eram muitas. Percebendo a impossibilidade dela e a necessidade das pessoas, reunimos enquanto Equipe Vicentina e resolvemos nós mesmos continuarmos a distribuir as quentinhas, pois, quem perdeu tudo não tinha ainda como fazer o próprio alimento. Entramos, então, a partir do sábado daquela mesma semana, na segunda fase do nosso Projeto, quando nós mesmos, de acordo com as visitas, começamos a distribuir as quentinhas diretamente. Nas visitas, já levávamos alguns kits conosco, com: quentinhas, cestas básicas, água, material de higiene e limpeza, frutas, guloseimas para as crianças, etc. Conforme a necessidade da família, anotávamos e supríamos a necessidade, na hora ou mais tarde, caso precisássemos reabastecer os carros que levavam os suprimentos, contanto que tudo se fizesse naquele mesmo dia.



Os carros ficavam parados em lugares estratégicos e as visitas eram feitas apê, pois nas servidões mais afetadas, em sua grande maioria, o carro não entrava e as motos tinham dificuldade devido à grande quantidade de lama escorregadia que ainda existia. Todos os colaboradores vicentinos colocaram seus carros à disposição.

Trabalhamos sem parar, inclusive no sábado e domingo daquela primeira semana! As famílias de nossos alunos ficavam emocionadas ao ver a Equipe do Pe. Corrêa ir até eles e se interessar pelo seu bem-estar. Não ficamos restritos às famílias de nossos alunos, mas era nossa prioridade. Ajudamos indistintamente, na certeza de que, se Deus colocou tantos bens em nossas mãos, era para que chegassem a quem precisava no momento. Muitos, antes mesmo de falarem ou mostrarem suas necessidades, pediam-nos um abraço.

Bonito partilhar a experiência que uma de nossas Equipes de Educadores Vicentinos viveu. Ela foi levar café e sanduíche para as pessoas que aguardavam notícias de seus parentes desaparecidos ou que precisavam

reconhecer corpos de entes queridos no IML. A maioria não tinha disposição para comer, quando muito, aceitava uma água. Uma senhora, muito abatida, não aceitou nem isso. O Educador Vicentino, num gesto de profunda sensibilidade e compaixão, fez-se de necessitado e pediu dela um abraço. A senhora abriu os braços e, naquele abraço, “desmontou”, colocando para fora toda a sua dor. Chorou, abraçada e amparada pelo Professor Vicentino. A Equipe chorou junto.

Refletimos juntos, já no Colégio, sobre a necessidade de entendermos bem e em profundidade o nosso Carisma, que não nos faz filantropos, mas discípulos de Jesus, o Evangelizador dos pobres, nossos irmãos. É preciso enxergar as pessoas, senti-las, ouvir o que têm e o que querem nos dizer a fim de compreender suas verdadeiras necessidades. É preciso “sentir” com o outro; sentir “a dor” do outro e fazê-lo saber que não está sozinho, mas Deus está com ele e que nós agimos em nome de Deus, por Ele e Nele. São Vicente já dizia: “Como ser cristão e ver o seu irmão aflito, sem chorar com ele! É permanecer sem caridade, é ser cristão de pintura, é não possuir nada de humanidade, é ser pior que os animais.”

Como filhas de Santa Luísa de Marillac e de São Vicente de Paulo, sabemos que a caridade deve ser organizada. Dividimo-nos em grupos:



grupo de preparação e montagem das quentinhas; grupo de recepção e separação de doações (mantimentos, água e material para bebês – e grupo das roupas, colchões, roupas de cama e banho); e grupo das visitas domiciliares. Essa divisão era mais por questão de organização, o que não impediu a entreatajuda e parceria sempre. Um professor preparou um formulário Google para colocarmos em nossas Redes Sociais e saber notícias de nossos alunos, o que nos ajudou bastante.

Não sofremos perdas de nenhuma vida, pelo que ficamos

sabendo, nem entre os professores e demais colaboradores, nem entre as famílias de nossos alunos, graças a Deus! Alguns professores perderam tudo, assim como aproximadamente 22 famílias de nossas crianças. Conseguimos contato com eles e estamos prestando a ajuda que podemos, com fartura e muito carinho, graças à caridade de tantos!

Um de nossos professores que perdeu tudo, assim como demais membros de sua família, ao conversar conosco no Colégio, apresentava grande desconforto e constrangimento. Foi preciso muito tato e sensibilidade para ajudá-lo sem humilhar. Ver um homem daquele tamanho, embora ainda muito novo, chorar de dor pela destruição de anos de investimento, saindo somente com a roupa do corpo, é de cortar o coração. À noite chorávamos, pois o que vimos e ouvimos nos voltava à mente e ao coração; de dia tínhamos muito a fazer, Deus contava conosco para o socorro e conforto dos irmãos.

Na semana que antecedeu o Carnaval, as quentinhas naturalmente foram diminuindo, pois as pessoas já conseguiram lavar seus eletrodomésticos e reutilizar o que deu. Já foi possível oferecer-lhes cestas básicas e demais materiais de que necessitavam. Essa fase emergencial parou na sexta-feira de Carnaval, após deixarmos todos bem abastecidos para, no mínimo, 15 dias.

Após a semana do Carnaval e com o retorno das aulas presenciais, entramos na terceira e última fase do Projeto: entrevista e visita às famílias de nossos alunos e campanha para obtenção e doação de eletrodomésticos, móveis, material escolar, utensílios de cozinha, etc., segundo a necessidade de cada família, além das cestas básicas ainda necessárias.



A Província das Filhas da Caridade do Rio de Janeiro, a Rede Vicentina de Educação e várias outras pessoas enviaram preciosa ajuda em itens e valores para que o projeto pudesse se desenvolver. Por tudo, agradecemos a cada um e damos graças a Deus pelo tanto que nos proporcionou. Como disse uma de nossas Assistentes Sociais, no início mesmo do Projeto: "A gente dá o passo e Deus põe o chão". Iniciamos sem nada, e trabalhamos com tanto e até com certa largueza! Deus é Deus, e se a obra é Dele, como não confiar? Somos apenas instrumentos inúteis, mas que Ele quis chamar e reunir para o serviço dos Pobres.

Que Deus nos ajude a entendermos cada vez mais o Carisma deixado por nossos Fundadores, e que saibamos transformar nossa oração em ação bem concreta pelo bem do próximo. Que a Província tenha a certeza de que nós, Filhas da Caridade da comunidade de Corrêas, fizemos o que enxergamos e estava ao nosso alcance. Embora poucas, pudemos contar com os Educadores Vicentinos que demonstraram que o Carisma também corre em suas veias, graças ao excelente trabalho de formação feito por nossas antecessoras, às quais agradecemos e por quem também rezamos.





## SOS PETRÓPOLIS

*Carmelita de Melo de Moura*

*Afiliada à Companhia*

**“É missão de todos nós: Deus chama, queremos ouvir a sua voz.”**

E assim seguiram em missão as Irmãs Rizomar, Sandilene, Lúcia, Elisa e Nazaré e a afiliada Carmelita. Qual objetivo desta missão? Acolher, ver, sentir, abraçar, estarmos presentes nas vidas das famílias que perderam pais, mães, filhos, avós, vizinhos, amigos, e também suas casas.



Há um sem fim de perdas ocasionadas pela chuva no dia 15 de fevereiro de 2022 em Petrópolis. Na tragédia que arrastou casas e soterrou pessoas, muitos escaparam com vida. Há ainda um grande número de vítimas fatais, além de familiares aguardando com muito sofrimento encontrar as vítimas soterradas para lhes dar um enterro digno.



### **1º dia de missão- 26 de fevereiro de 2022**

Saímos no sábado, às 8h da manhã da Casa Provincial. Estávamos bem motivadas e com muita energia porque o nosso propósito era transmitir esperança e fé para todos que encontrássemos no alto da Serra de

Petrópolis. Nosso destino era um dos locais mais atingidos pela chuva.

Para santificar mais ainda a nossa viagem, demos carona ao Pe. Vandeir que tinha uma missão em Corrêas.

Foi uma viagem tranquila, pois a Ir. Sandilene é uma excelente motorista. Chegando em Petrópolis, já fizemos reflexões ao observar muros, árvores caídas e lojas fechadas, marcas da dor e sofrimento dos comerciantes.

Nossa primeira parada foi em Corrêas, na Comunidade do Colégio Vicentino Padre Corrêa, para deixarmos o Padre Vandeir e fomos recepcionadas pela Ir. Jacira e Ir. Joselita que nos ofereceram um cafezinho e bolo deliciosos.

Claro que não recusamos e foi um momento fraterno e de escuta das Irmãs, que contavam como elas se mobilizaram para ajudar as pessoas, arrecadando tudo que era possível para funcionários que foram atingidos pela tragédia. As Irmãs partilharam ainda seu empenho em auxiliar as famílias que estavam se abrigando nas Paróquias.

Logo em seguida, fomos para o Colégio Vicentino Santa Isabel, onde ficamos hospedadas. As Irmãs Elisabeth, Jeny, Dorilda e Faride já nos aguardavam também com um lanchinho e com muito amor e carinho. Fizemos de novo outra pequena refeição, pois não sabíamos o que nos aguardava, ou seja, se na missão teríamos almoço ou não, então achamos melhor nos abastecermos porque vida de missionário é assim: “come bastante aqui porque lá pode ser que o almoço é janta”.

Escutamos o depoimento das Irmãs que também foram atingidas pela chuva e tiveram algumas perdas materiais, pois o colégio sofreu com a enchente. Outra pauta foi a mobilização delas também para recolher colchões, mantimentos e tudo que era possível para as famílias desabrigadas. As Irmãs tiveram muito trabalho, muita entrega, muita disposição para atender às necessidades emergenciais.

Logo em seguida partimos para a missão. Todas preparadas até na vestimenta para encararmos a lama, poeira, sol, chuva, enfim fomos a pé, cheias de disposição e vontade de trabalhar pelos pobres.

Tivemos duas voluntárias, moradoras de Petrópolis como nossas guias para chegar ao Alto da Serra na Paróquia Santo Antônio. Andamos muito, mais de uma hora, eram muitas subidas e à medida que íamos caminhando

ficávamos mais perplexas com a cidade destruída. Muito lixo, árvores e fios caídos, carros amassados, ladeiras cheias de barro. As Irmãs que já moraram em Petrópolis ficavam indignadas com o que estavam vendo e vivendo.

Enfim chegamos à Paróquia Santo Antônio do Alto da Serra, principal ponto de apoio para as famílias desabrigadas. Ao chegar à Igreja fomos acolhidas pelas Irmãs da Arca de Maria que nos colocaram a par dos acontecimentos e do status do dia.

Enquanto elas nos explicavam a situação do momento, ficávamos observando um grande movimento: o Prefeito, funcionários da Prefeitura, voluntários, o catador de lixo, e algumas famílias que ainda estavam abrigadas, pois a maioria já tinha ido para outros alojamentos ou casa de parentes.

Como a Igreja situa-se à frente do morro da Oficina, a alguns metros de distância e não foi possível irmos até o morro, ficamos a olhar em silêncio, por vezes um silêncio angustiante com alguns porquês. Apesar disso, destacamos que o silêncio, em vez de nos paralisar, foi um momento de reflexão.

Perguntamos às Irmãs que tarefas poderíamos realizar e Ir. Rizomar sempre perguntava “onde estão os pobres?”. Nesta pergunta está a afirmativa “foi para Ele que viemos”.

As Irmãs da Arca de Maria nos orientaram sobre as tarefas em que necessitavam de ajuda: limpeza do refeitório, retirada dos lixos, organização das roupas que receberam de doação, varredura do pátio, limpeza de banheiros e alojamentos.

Como se nota, só havia trabalho braçal, mas já dizia São Vicente de Paulo que **“os pobres são os nossos mestres e senhores”**, então estávamos ali para servi-los, ainda que fosse com trabalho que exigisse um maior esforço físico. Pegamos a vassoura, a pá e fomos com toda disposição e, entre uma tarefa e outra, tivemos oportunidade de conversar com as famílias e escutamos com muita atenção e acolhimento cada história de dor, de luta para sobreviver e salvar vidas.

Ir. Rizomar pegou a vassoura e varrendo chegou até uma família e ali parou para realizar a escuta atenta do que a família queria partilhar. Com essa atitude de escuta, expressou acolhimento, atenção e deu a certeza de



que os pobres não estão sozinhos, não estão abandonados e que estávamos ali para dizer: “Conte conosco, estamos sofrendo junto com vocês, mas vocês irão se reerguer, porque a esperança, a superação agora fala mais alto nos corações de vocês e estamos aqui para rezarmos juntos, porque Deus não abandona os pobres”.

Destacamos a história de Dona Santa, que aos 83 anos de idade, morava no morro da Oficina há sessenta anos. Casou, teve filhos, netos, bisnetos e praticamente toda sua família morava no Morro.

No dia da tragédia, a barreira que desabou passou ao lado da sua casa e derrubou as casas dos vizinhos. Dona Santa só ouvia gritos pedindo socorro, ela e seus filhos conseguiram salvar crianças e alguns vizinhos, mas muitos morreram soterrados.

Ela disse que dorme e acorda ouvindo os gritos dos seus vizinhos, que eram seus amigos, pedindo socorro. Ela e sua família estavam ali na Igreja porque sua casa está ameaçada, não há mais como morar no morro da Oficina. Dona Santa dá seu testemunho sobre lamentável vivência: “Toda minha história e da minha família está lá naquele morro, na minha casa”.

Fizemos uma pausa nas atividades para almoçar e comemos o mesmo cardápio oferecido às famílias. Estava uma delícia, uma comida de qualidade, com suco, sobremesa, tudo bem feito e bem organizado.

Pudemos observar que o tratamento dado às famílias foi de qualidade e com muita dignidade, e de forma geral tudo organizado. Na hora do lanche, Ir. Rizomar fez a oração de agradecimento. A mesa estava farta com bolo, biscoito, cachorro-quente, todinho, café, etc.

Depois de um dia inteiro de trabalho, chegou a hora de voltarmos para o colégio e na despedida sentimos falta da Ir. Lúcia. E fomos procurá-la. “Onde estará Irmã Lúcia?” indagou Ir. Nazaré. Onde ela estava? Brincando com as crianças no local de recreação.

Depois de terminar sua tarefa, a Irmã foi dar carinho e atenção às crianças que no meio de tanto sofrimento se distraem nas brincadeiras e cantorias. Estava ela com a roupa cheia de poeira de tanto as crianças abraçarem-na. Essa cena revelou, assim, a certeza e a esperança de dias melhores.

Todas estavam bem cansadas, voltamos a pé e andamos mais de uma hora. Para chegar de manhã estávamos com tanta energia e nem sentimos

cansaço, mas na hora de irmos embora parecia que nunca chegaríamos ao Colégio Vicentino Santa Isabel. Durante a caminhada, estávamos de poeira até os fios de cabelo, os nossos pés bem doloridos mas os corações serenos, pois ajudamos no que foi possível. O combustível emocional, durante a caminhada de volta, foram as gargalhadas da Ir. Elisa e Ir. Sandilene que riam e nos faziam rir das situações mais inusitadas que aconteciam conosco.

Elas nos juntaram para tirar uma foto dos nossos calçados sujos de poeira, enquanto guardávamos as Irmãs virem abrir o portão do colégio. Foi muito engraçado! Quem vir esta foto vai pensar: “quem mais trabalhou foi a dona do calçado mais empoeirado, rsrsrs”.

Louvido seja Deus pela presença da Igreja bem representada pela Paróquia Santo Antônio, que foi construída no local certo, e sempre de portas abertas para acolher a todos, principalmente os mais pobres, dando-lhes neste momento tão sofrido um tratamento digno e um acolhimento fraterno.

Neste dia de missão, pudemos observar ainda a solidariedade concretizada em várias doações e na presença de muitos voluntários.

## **2º dia de Missão – 27 de fevereiro de 2022**

Acordamos revigoradas e animadas no Espírito Santo para continuarmos a nossa missão de acolher e colaborar no que fosse necessário para aliviar o sofrimento dos pobres.

Os cuidados, calor humano, orações e um café da manhã simples, mas feito com muito amor pelas Irmãs do Santa Isabel só nos fortaleceram para continuar a jornada.

Fomos à missa na Paróquia Nossa Senhora do Rosário, para nos abastecermos espiritualmente com o poder da Palavra de Deus e a Santa Eucaristia, presença do Cristo ressuscitado nos fortalecendo de coragem e esperança e partimos, desta vez não para uma igreja, e sim para uma das escolas que estavam abrigando as famílias. E achamos por bem irmos de carro, para ganharmos mais tempo de dedicação às famílias.

Ao subir a ladeira de carro a caminho da escola, pegamos um pequeno engarrafamento, o carro, que estava inclinado, parou e a sensação é de que ele iria voltar para trás.

Um silêncio pairou no ar e Ir. Sandilene, aparentemente com muita tranquilidade foi conduzindo a situação e fez o carro andar para frente, uffa! Ela é demais!

Não sei o que se passou na cabeça das Irmãs, mas na minha veio logo um pensamento disfuncional: "se o carro andar para trás...", mas, como uma boa psicóloga que sou, não verbalizei e em segundos desconectei este pensamento e pensei: "somos mulheres de fé". Em seguida, o carro funcionou e chegamos muito bem na escola.

Logo na entrada do pátio da escola, fomos recepcionadas por funcionários da prefeitura que foram chamar o Diretor adjunto para nos atender. O Diretor Paulo nos atendeu de forma bem educada, fez um breve resumo de como estava a assistência às famílias na escola ressaltando que estava tudo sob controle com um bom grupo de assistentes sociais, psicólogos, médicos e outros voluntários.

O nosso desejo era de entrar e ver as famílias, mas em nenhum momento ele ofereceu a oportunidade, e a impressão que ele me deixou é de que não estava precisando da Igreja naquele momento porque a prefeitura estava dando conta.

Agradecemos e saímos de lá direto para a Igreja de São Sebastião que fica perto da escola, tentar falar com o pároco. Fomos a pé, pois a ladeira para chegar à Igreja era muito alta. Algumas Irmãs acharam por bem não subir e ficaram nos aguardando na praça. O mais engraçado foi Ir. Nazaré, que tinha ficado na praça nos aguardando e de repente estava a nossa frente correndo, cheia de fôlego, rrsrs.

Ao chegar à Paróquia, como o padre estava celebrando uma missa, fomos atendidas por um leigo, que nos informou que a Paróquia estava recebendo bastantes doações e enviando para escola e que também contaram com a presença de muitos voluntários.

Como disse São Vicente, "a perfeição não consiste na multiplicidade das coisas feitas, mas no fato de serem bem feitas". Acredito então que o sábado foi este dia em que procuramos dar o melhor de nós pelos nossos irmãos pobres, que com muita dor e sofrimento estão se restabelecendo, superando e se reerguendo para seguir em frente e lutar pelos seus direitos à moradia digna e guardarem na memória e coração seus entes queridos que partiram para a eternidade.

Assim se encerrava a nossa missão em Petrópolis. Retornamos ao Colégio Vicentino Santa Isabel, e mais uma vez recebemos o carinho e acolhimento das Irmãs que nos ofereceram um almoço de domingo saboroso.

Descansamos um pouco e à tarde já estávamos a caminho de nossas casas. Foi uma viagem tranquila, mas sempre tem alguém ou algo que tenta se interpor ao caminho dos motoristas, e conosco não foi diferente.

A nossa querida motorista, Irmã Sandilene, e todas nós nos assustamos porque alguém atravessou à frente do carro de repente na linha Vermelha. Acho que foi alguém de moto, não sei, pois nesta hora eu cochilei e acordei com o susto que todas levaram. Mas nossa Mãe Santíssima, à frente da nossa viagem intercedendo por nós, nos deu o livramento de um acidente, reforçando o reflexo poderoso da Ir. Sandilene.

Concluo este relatório compartilhando algumas frases que li na Internet de um padre da Diocese de Petrópolis e têm a ver com as nossas experiências nesses dias de missão:

O que Deus quer nos dizer com tudo isso? Ele não quer que esses males naturais afetem nossas almas. O mal físico não pode se tornar um mal moral. Antes, esses males e sofrimentos devem servir para nos purificar, para nos santificar, para nos fortalecer à nossa fé e a nossa caridade.

Em nenhum momento estes pobres que foram atingidos blasfemaram contra Deus, a maior parte deles, graças a Deus, nem sabem o que é blasfêmia. Não culparam a Deus pelo ocorrido. Ao contrário todos diziam a mesma coisa: "só Deus para nos dar forças!", "vamos recomeçar com a graça de Deus"; "se Deus é por nós, quem será contra nós?"

Nosso povo sabe que há muitos culpados dessa tragédia: o único que não pode ser responsabilizado é Deus.

O povo de Petrópolis, na verdade, não está no "Morro da Oficina", mas sim no Monte Calvário. Esse povo está carregando a Cruz, sem perder a fé, a sua natural cordialidade, inclusive com as pessoas mais incrédulas. Essas pessoas não perderam a caridade, a vontade firme de ajudar a todos, mesmo quem aparentemente não tem com o que ajudar.

Sabemos que Deus abençoa com a cruz. E o povo petropolitano foi muito abençoado esses dias. Com o sofrimento, a sua fé, a sua esperança e caridade, esse povo está evangelizando o Brasil inteiro e a todos os que

acompanham com atenção e coração aberto o que está acontecendo nessa cidade.

Para mim a chuva no telhado é cantiga de ninar, mas o pobre meu irmão, para ele a chuva fria vai entrando em seu barraco e faz lama pelo chão.







## ENVIO EM MISSÃO

*Ir. M. Bernadete Pinho, fc*

No dia 26 de fevereiro, na Casa Provincial da Província de Curitiba, em Curitiba/PR, ocorreu o envio em missão de quatro Irmãs do Seminário Santa Catarina Labouré: Ir. Maria Rita Barreto da Rosa, da Província do Rio de Janeiro, e três Irmãs da Província de Curitiba: Ir. Angela Cuban Farias, Ir. Danieli Sbizaro e Ir. Ilma Alves de Araújo.



Ir. Maria Bernadete Gonçalves de Pinho, responsável pelas Irmãs Jovens, representou Ir. Selma Aparecida dos Santos, Visitadora. Ir. Maria Rita foi enviada à Comunidade Nossa Senhora das Graças, em Chapadão do Sul/MS. Após o Envio em Missão, foi celebrada a Missa, com a participação de Irmãs de diversas Comunidades da Província de Curitiba que estavam terminando seu Retiro Anual. Emocionante o momento do ofertório realizado por Pobres em situação de rua, atendidos pela Comunidade da Casa da Acolhida São José.



Após a Celebração Eucarística, foi oferecido um delicioso almoço, em clima de alegria e ação de graças.

No dia 06 de março, no encerramento do Encontro de Irmãs Serventes, a Província do Rio de Janeiro acolheu Ir. Maria Rita, que recebeu o avental das servas das mãos de Ir. Maria de Lourdes Trabach, sua Irmã Servente. Nesta ocasião, Ir. Maria de Lourdes Trabach, Ir. Marlene Francisca dos Santos e Ir. Maria Rita Barreto da Rosa foram enviadas à sua nova missão, em Chapadão do Sul/MS.

Por tudo demos graças e acompanhemos nossas Irmãs com nossas orações.



## ENCONTRO DE IRMÃS SERVENTES

*Ir. Anaíde Barreiros, fc*

“COMO É IMPORTANTE  
SONHAR JUNTOS”  
(Papa Francisco)

Nos dias 04, 05 e 06 de março de 2022 aconteceu o Encontro de Irmãs Serventes da Província do Rio de Janeiro.





No primeiro dia, após a Eucaristia no Santuário da Medalha Milagrosa, fomos acolhidas no salão da Casa Provincial, com o Hino ao Espírito Santo, pela Irmã Selma Aparecida dos Santos, nossa Visitadora e pela Irmã Maria Aparecida Cirico Maciel, Conselheira Provincial.



O Encontro teve como conteúdo o **Repasse da Assembleia Geral, realizada em 2021**. Em torno do tema, **EPHATA**, refletimos sobre a Fidelidade à Igreja e ao Carisma e, assim, como responder aos Desafios Atuais, o Respeito aos Direitos Humanos – principalmente aos mais abandonados da sociedade, a Salvaguarda da “Casa Comum”, a Mística do Viver Juntas, a Proteção aos mais vulneráveis e a Transmissão da fé e dos valores Cristãos às Novas Gerações.

Tudo isto nos reportou à nossa Carta Magna, um sinal profético para a vivência do EPHATA nos dias de hoje. As celebrações, orações e vídeos acenderam em nós o sentimento de estarmos presentes na Casa Mãe.



Muito marcante a celebração do Louvor à Maria, quando em procissão, nos dirigimos até o Santuário da Medalha Milagrosa, na Capela da Virgem do Globo e, ao som do Magnificat, cada Irmã Servente foi convidada a colocar no Globo o nome de todas as Irmãs de sua Comunidade e, num gesto bem significativo, Irmã Selma colocou todas nós nas Mãos de Maria.

Na parte da tarde do 2º dia, Irmã Rizomar Bonfim Figueiredo, Ecônoma Provincial, apresentou a situação de nossas obras e algumas realidades de missão que estão em fase de estudo e avaliação.

Muito importante neste Encontro a participação do nosso Diretor Provincial Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira em todos os momentos, bem como o testemunho de nossas Irmãs durante o Repasse da Assembleia.

Finalizamos o nosso encontro com a Eucaristia, agradecendo a Deus pelo dom da vida de Irmã Selma e pelo envio de Irmã Maria Rita Barreto da Rosa para sua primeira Missão, como Filha da Caridade. Momento de alegria e de graça para nossa Província.

A nossa gratidão a Deus por tudo que ouvimos, vivenciamos e partilhamos neste Encontro fraterno entre nós.

**DEUS SEJA LOUVADO!**



## CHEGADA A CHAPADÃO DO SUL/MS

*Ir. Maria de Lourdes Trabach*

*Ir. Marlene Francisca dos Santos*

*Ir. Maria Rita Barreto da Rosa*

*(Comunidade Nossa Senhora das Graças)*

*“Que maravilha Deus ter posto os olhos sobre vós, ter-vos tirado de vossas terras, para vos enviar a um lugar afastado.” (SVP IX,881)*

A cada nova mudança somos convidadas a nos desinstalarmos e reinventarmos, lançando-nos nos desafios que Deus nos propõe, servindo-Se da Companhia, de nossos Superiores e de cada Filha da Caridade. Conosco não foi diferente: três Irmãs, vindas de realidades as mais diversas, contando diferentes tempos de vocação, mas unidas em um mesmo propósito: sermos sinais da Bondade de Deus entre os mais Pobres (SVP IX,676). Confiantes de que a Sua graça nos precede em cada missão, acolhemos com muita disponibilidade e entusiasmo nossa nova colocação, certas de que Jesus estaria à nossa espera em Chapadão do Sul, no estado do Mato Grosso do Sul.

Por se tratar de um acontecimento extraordinário – o envio de toda uma nova Comunidade – participamos de uma calorosa Celebração Eucarística na Casa Central, que contou com a presença de todas as Irmãs Serventes de nossa Província, lá reunidas por ocasião do Encontro de Irmãs Serventes. Nós, Irmã Maria de Lourdes Trabach, na animação da Comunidade, Irmã Marlene Francisca dos Santos e Irmã Maria Rita Barreto da Rosa, recebemos oficialmente nossa colocação na Comunidade Nossa Senhora das Graças, e seguimos para Chapadão do Sul no dia seguinte, segunda-feira, 07 de março, acompanhadas pela Irmã Rizomar Bonfim, Ecônoma Provincial.

A alegria do entrosamento já se revelou desde o aeroporto, quando precisamos reorganizar as malas e, para tanto, contamos com a ajuda umas das outras. Logo após o embarque, as risadas foram inevitáveis: como estávamos fazendo três mudanças e tínhamos muitas bagagens de mão, Ir. Lourdes não teve dúvidas – pegou a mala que passava pelo detector de metais, e seguiu viagem... Mal sabia ela que a mala não era nossa! Ali já fomos contagiadas pelo clima de proximidade, descontração e simplicidade que nos acompanharia, a cada dia, nesta nova missão.

Após duas viagens de avião, e mais seis horas na estrada, eis que o nosso destino enfim chegou: Chapadão do Sul, a cidade que nos esperava. Fomos surpreendidos pela presença do Padre Edi, missionário da Diocese de Jacarezinho, que nos aguardava com alguns jovens da Juventude Mariana Vicentina e uma colaboradora do Centro Socioeducativo. Eles nos acolheram em nossa nova Casa, e deram provas da profunda hospitalidade do povo Sul-Chapadense.



A presença dos Padres, bem como de membros de diversas pastorais que vieram nos recepcionar nos dias que se seguiram, fez com que aprofundássemos ainda mais nosso sentido de pertença à Comunidade Eclesial, como Filhas da Igreja que somos, e nos confirmássemos em nossa identidade de Comunidade Inserida nos Meios Populares (CIMP). Buscamos, desde o primeiro momento, o engajamento nas atividades da Paróquia, cuja Matriz fica bem próxima à nossa residência. Também participamos de alguns momentos de espiritualidade com o povo, tanto no Salão Paroquial, onde vem acontecendo um Cerco de Jericó dinamizado pelos

movimentos e pastorais, como também em diferentes Comunidades, onde são celebradas Missas, rezados terços, Via Sacra, e momentos de reflexão sobre a Campanha da Fraternidade 2022. Garantimos presença, ainda, no III Fórum das Pastorais Sociais da Diocese de Três Lagoas, a que pertencemos, realizado de forma híbrida. Nele, fomos calorosamente acolhidas pelo Bispo, Dom Luiz Gonçalves Knupp, que falou com muito entusiasmo e alegria sobre a presença das Filhas da Caridade em nossa Diocese.



Desde a primeira semana, pudemos também acompanhar as atividades desenvolvidas pela Juventude Mariana Vicentina e pelo Grupo da Solidariedade, que tem como Patrono São Vicente de Paulo. Buscamos, assim, animar esses grupos, fortalecendo-os em sua identidade vicentina, nos renovando no ardor que nos vem do Carisma partilhado e

integrando-os à nossa missão junto às crianças, jovens e famílias do Centro Socioeducativo.

Hoje, o Projeto, fundado em 2006, conta com cerca de 200 crianças em risco e vulnerabilidade social, que frequentam o espaço no contraturno escolar. O Centro oferece o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Familiares e Comunitários, sendo o único equipamento socioassistencial no município que trabalha diretamente na prevenção de eventuais violações aos direitos e garantias fundamentais das crianças e adolescentes. Além da oferta de atividades lúdicas, culturais e esportivas, a equipe técnica composta por assistente social e psicóloga acompanha as famílias atendidas, detectando eventuais fragilidades nestes núcleos, intervindo nas necessidades mais urgentes, e realizando estudos e/ou encaminhamentos para a rede. Demandas de saúde, moradia e assistência são remediadas, e a promoção das famílias é articulada junto aos órgãos públicos, que mantêm parcerias com as empresas locais visando à formação técnica e à empregabilidade do público em vulnerabilidade e risco no município.



De início, ficamos um pouco assustadas com a realidade que nos foi apresentada pelos dados e índices referentes ao município de Chapadão do Sul: uma cidade próspera, entre os melhores IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do estado, colonizada pelos gaúchos para ser referência em agronegócio, e que tem como principais atividades econômicas a agricultura mecanizada e a criação de gado para corte, com forte presença de ruralistas. Imaginamos que as oportunidades de emprego e de investimento, portanto, não faltariam, e que a pobreza seria escassa, se não erradicada. Qual não seria a nossa surpresa ao pisarmos estas terras sulmatogrossenses, já quase na fronteira com Goiás, Minas Gerais e São Paulo...

Nos primeiros dias, nós Irmãs já pudemos dar início às visitas domiciliares, sendo acompanhadas pela Assistente Social do Projeto. Fomos confrontadas por difíceis realidades, que nos exigem um olhar amplo, pois perpassam situações de saúde, moradia, seguridade social, alimentação... Embora haja Fazendas e Usinas



no local, elas exigem mão de obra qualificada, o que não corresponde à formação de muitas famílias, em sua maioria vindas do interior do Nordeste em busca de oportunidades e melhores condições de vida. Encontramos também muitos pais que cuidam de filhos com deficiência e, por isso, não podem trabalhar formalmente. Como o município ainda não conta com transporte público, os deslocamentos para tratamento ou atendimentos médicos dependem de parcerias com a APAE e outras instituições parceiras. Mesmo para garantir frequência ao Projeto, é necessário recorrermos à colaboração da Secretaria de Educação, que cede um Ônibus Escolar para o deslocamento de nossas crianças e jovens, pois muitos residem do outro lado da Rodovia que divide a cidade de Chapadão do Sul, ou mesmo na área rural.

Atendendo a todo esse público, o Centro Socioeducativo é, nas palavras da Coordenadora da Assistência Social, “a menina dos olhos” do município. Por tal razão, já na primeira semana recebemos a visita da equipe do CRAS, que veio para uma primeira apresentação, colocando-se disponível para articular ações conjuntas que visem ao melhor acompanhamento e promoção das famílias atendidas. Nós, Irmãs, participamos desta reunião, apresentando-nos e mais uma vez manifestando nosso desejo de servir, da melhor forma possível, a população de Chapadão, sobretudo os mais carentes. Também pudemos realizar uma reunião com os colaboradores do Centro, buscando uma primeira aproximação da equipe, e apresentando-lhes nossa proposta, enquanto Filhas da Caridade e continuadoras do legado de Vicente, de Luísa e de tantas Irmãs que tanto se dedicaram ao serviço dos Pobres no Mato Grosso do Sul.



Ir. Marlene muito se alegrou com a criação de uma Sala do Bem Estar, onde poderá atender as crianças, jovens e colaboradores em suas urgências, socorrendo-os nas diversas carências que, em tão pouco tempo, já vêm se manifestando em cólicas, dores de cabeça, e crises de choro, além de quedas e machucados, naturais quando se trabalha com este público. Ir. Lourdes e Ir. Maria Rita também se dedicam ao Centro Socioeducativo, na formulação de projetos e implementação da rotina, bem como buscam a integração nas atividades pastorais, contribuição na Catequese, orações na rádio local e outros acontecimentos paroquiais de que a Comunidade vem participando. Com a partilha dos dons e a construção conjunta de um novo Projeto Comunitário que atenda às expectativas e necessidades das Irmãs e do povo, esperamos converter o amor afetivo às crianças, suas famílias, nossos colaboradores e amigos de Chapadão em um amor efetivo, que resplandeça, de fato, o nosso fim: servir os Pobres como Jesus Cristo os servia (SVP IX,389).

O mesmo *Ephata* que convidou toda a Companhia, e cada Irmã em particular a sair porta afora... ir para... encontrar, deixou de ser um apelo

para se tornar realidade em nossas vidas. Imbuídas deste espírito, deixamos lugares e realidades já conhecidas para estarmos em Chapadão do Sul, onde os Pobres, os verdadeiros destinatários de nosso “Ser” Filhas da Caridade, vão “Ser” Missão conosco. Eis-nos aqui!



## #SAVV.RIO.50ANOS

### ENCONTRO DE ANIMADORAS VOCACIONAIS

*Ir. Sandilene Maria de Sousa Bocafoli, fc*

Culminando o mês de março e dando boas-vindas a abril, as Animadoras Vocacionais da Província do Rio de Janeiro foram convidadas a participar de um encontro de formação. O encontro estava previsto, inicialmente, para o mês de fevereiro. Todavia, com o novo surto de COVID-19 e gripe, foi prorrogado para esta nova data. Agradecemos a todas, pela compreensão e participação.

O encontro teve início com um delicioso jantar que renovou nossas energias para vivenciar as alegrias do reencontro e estreitar nossos laços de fraternidade. Fomos acolhidas por nossa Visitadora, Irmã Selma Aparecida dos Santos que nos motivou a viver a entreatjada, neste



serviço que foi confiado a cada Filha da Caridade em despertar, animar e acompanhar os jovens em seu processo vocacional. Lembrou-nos que o serviço de animação vocacional, tão essencial para a Companhia, tem um sentido profundo que brota da nossa pertença a esta mesma Companhia, uma vez que essa missão começa em nos sentirmos felizes e realizadas na própria vocação. Independente das dificuldades e desafios que tenhamos de superar, ao longo da caminhada, a certeza de que fomos chamadas por um Deus que nos conhece e nos ama, desde o ventre materno, deve nos impelir a ir sempre mais além, testemunhando seu amor para com todos, especialmente, pelos mais pobres.

Ainda inundadas pela alegria da Renovação dos Votos, à luz do SIM de Maria, fomos motivadas a vivenciar a espiritualidade vocacional, na companhia da Santíssima Virgem. Cada Irmã pode partilhar sua experiência de fé e proximidade com Maria. Ao final, louvamos a Mãe da Companhia por tantas graças e tantos sinais que, ao longo da vida de cada uma e da história da Companhia, demonstram como a mão de Deus e a proteção de Nossa Senhora são reais. Magnificat!

Iniciamos o dia seguinte em torno do altar do Senhor, junto com o povo de Deus que celebra no Santuário da Medalha Milagrosa, oferecendo nossas disposições de bem viver estes dias de encontro, na certeza de que somente com a graça de Deus seremos capazes de bem assumir a missão vocacional. Alimentadas pela presença eucarística do Senhor, iniciamos o dia de formação contando com a presença fraterna de Carlos Eduardo Cardozo, Cadu. Leigo apaixonado pela juventude e pela educação, muito atuante e próximo da Vida Consagrada. Desde esta realidade de missão, Cadu conversou conosco sobre a animação vocacional com seus desafios e horizontes, hoje.

Foi um momento muito agradável que não se prendeu em apenas apontar os desafios que, muitas das vezes, já sabemos elencar de cor. Pudemos falar sobre cada um deles, como, por exemplo: os novos arranjos familiares, a diminuição do número de filhos por família, as dificuldades de tomar decisões e viver frustrações, a busca por respostas fáceis e, por vezes, descomprometidas, etc. Porém, uma vez diante dessas realidades diversas, o que fazer? Como agir? Como animar vocacionalmente essa juventude que se encontra inserida no meio desse turbilhão? Em grupos menores, as participantes tiveram a oportunidade de voltar um olhar mais

próximo para suas realidades locais de missão, bem como para o todo de nossa Província, conseguindo, ao término das partilhas, apontar horizontes para nossa missão vocacional provincial.

Ficou muito forte o apelo a sermos Comunidades mais abertas a dialogar, ao invés de rotular as jovens que se apresentam. Eis um reflexo da ação de Deus ao convocar a Companhia a viver o EPHATA! Ao término de toda essa partilha, louvamos Maria por tudo o que vivemos, oferecendo ao Senhor nossa disponibilidade para seguir seus passos, abraçando novos corações pela força e coerência de nosso testemunho: pessoal e comunitário!

À noite, demos início à partilha sobre as resoluções em vista do IX Interprovincial do Serviço de Animação Vocacional Vicentino que acontecerá em junho próximo, com sede na Província do Rio de Janeiro. Embora sendo um grupo reduzido, louvamos e bendizemos a Deus por nos conceder ânimo e entusiasmo para bem estruturarmos esse momento tão especial e celebrativo para os diversos Ramos de Vida Consagrada da Família Vicentina do Brasil. Bendito seja Deus!

Agradecemos a Deus por todo o bem que realizou em nós ao longo destes dias de encontro, bem como à Província do Rio de Janeiro que não tem medido esforços para favorecer o cultivo e a expansão da cultura vocacional em cada Irmã e, conseqüentemente, em toda a Província. Por tudo, damos graças a Deus!!



## ENCONTRO DE IRMÃS JOVENS

*Ir. Bernadete Pinho, fc*

De 01 a 03 de abril ocorreu o Encontro de Irmãs Jovens da Província do Rio de Janeiro, na Casa Provincial. Participaram deste encontro Ir. Lúcia Inácio Moraes, Ir. Danusa de Souza Corrêa da Silva Feliciano, Ir. Elisa Cássia Nobre, Ir. Vanessa Oliveira Rosa e Ir. Maria Rita Barreto da Rosa. Ir. Bernadete Pinho, responsável pelas Irmãs Jovens, coordenou o Encontro que contou com a participação de Ir. Selma Aparecida dos Santos e do Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira.

O encontro teve início com um momento de Adoração Eucarística, quando se deu a acolhida a Ir. Vanessa e Ir. Maria Rita que participavam de seu primeiro Encontro na Província. No dia seguinte, participamos da missa no Santuário. No sábado houve um momento de formação humana onde as Irmãs foram convidadas a se colocarem como barro nas mãos do oleiro, buscando entrar em contato com suas forças e fragilidades e se deixarem modelar pelo Senhor. Também foi oferecido um momento de formação vicentina, onde refletimos sobre o espírito da Companhia e a vivência dos votos. Partilhamos a oração do terço, no coro do Santuário. À noite, as Irmãs jovens organizaram um bingo cheio de alegria com as Irmãs da Casa Mère Blanchot.

No domingo pela manhã, após a Missa no Santuário, as Irmãs jovens partilharam sua caminhada missionária, desde a entrada no Seminário até a missão que hoje assumem.

Agradecidas a Deus por esta oportunidade de encontro, oração, formação e partilha, nos despedimos após um delicioso almoço, na expectativa do Encontro Interprovincial das Irmãs até 15 anos de Vocação que ocorrerá em setembro.

Por tudo demos graças a Deus.





## NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI

### Ir. Maria da Conceição Carvalho (Ir. Rosalie)



Ir. Maria da Conceição de Carvalho (Ir. Rosalie) nasceu a 21.11.1931 em Cipotânea/Alto do Rio Doce, em Minas Gerais. Seus pais, Vicente de Paula Carvalho e Carmen de Assis Carvalho, levaram-na à pia batismal a 11 de dezembro daquele mesmo ano. Passaram-se vinte anos e Ir. Rosalie iniciou seu Postulado em Itanhandu/MG. No dia 5 de dezembro de 1951, foi recebida no Seminário das Filhas da Caridade e a 27.02.1953 foi enviada ao Colégio da Imaculada Conceição, no Rio. Fez seus votos pela primeira vez a 27.02.1956.

Ir. Rosalie amava a Companhia, era feliz por ser Filha da Caridade. Sua vida de oração era intensa. Buscava continuamente acolher as surpresas de Deus em sua vida. Desejava ser elemento harmonizador na comunidade. Muito ágil no pensar e no agir, esforçava-se para ser paciente com o ritmo das Irmãs. Comprometida com as diversas missões que lhe foram confiadas, cultivava o espírito de fé diante dos desafios que se apresentavam. De espírito jovial, Ir. Rosalie também deixou marcas em muitos jovens da JMV.

Ir. Rosalie serviu Jesus Cristo na pessoa dos Pobres nas seguintes Comunidades:

- Colégio da Imaculada Conceição - Rio de Janeiro/RJ
- Colégio Santa Maria - Assis/SP
- Colégio da Providência - Rio de Janeiro/RJ
- Cúria Provincial - Rio de Janeiro/RJ
- Colégio Padre Corrêa - Petrópolis/RJ
- Educandário São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ
- Diretora do Seminário e Conselheira Provincial - Rio de Janeiro/RJ
- Educandário São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ
- Colégio da Imaculada Conceição - Rio de Janeiro/RJ

- Colégio Padre Corrêa - Petrópolis/RJ
- Colégio Virgo Potens - Guarulhos/SP
- Casa Provincial - Rio de Janeiro/RJ
- Dispensário São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ
- Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ

Aos 90 anos de idade e 70 anos de Vocação, Ir. Rosalie partiu para a casa do Pai no dia 14 de março de 2022.



## **SOLIDARIZANDO-NOS COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR**

Ir. Cândida Rodrigues - irmão

Ir. Gaby Neptali Rico Galleguillos - pai

Ir. Dagmar Carneiro Assunção - cunhado





**Obra de Ir. Paula Martin, 2002**  
Quadro na Casa Provincial de Madrid

FONTE: <https://vincentianpersons.cdm.depaul.edu/StVincentImages/Home/ViewArchive/163>



COMPANHIA DAS  
**FILHAS DA CARIDADE**  
DE SÃO VICENTE DE PAULO  
PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

## Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo

Rua Dr. Satamini, 333 - Tijuca - Rio de Janeiro - CEP 20.270-233  
Telefone: (21) 2563 9450 | [filhasdacaridaderj.org.br](http://filhasdacaridaderj.org.br)